

6. Caminhos da pesquisa

6.1. Quando os números revelam destinos possíveis e dramas profundos

A altíssima taxa de violência letal no Brasil é um dos aspectos mais dramáticos da realidade nacional contemporânea. Desde a década de 80 até o início do século XXI, triplicou o número de pessoas assassinadas no país, em especial nos grandes centros urbanos. Essas mortes se ampliaram com o processo de consolidação dos grupos criminosos armados nas favelas e periferias. Tive a lamentável oportunidade de assistir a escalada da violência letal desde o seu início, o que permite que eu me remeta a um fato dramático para ilustrar o processo doloroso de destruição de vidas que se tornou, nessa trajetória, simples estatística.

A tragédia acometeu uma família composta de sete filhos e quatro filhas, moradores do Parque Maré; sua culminância, no ano de 1986 foi, sem dúvida, marcante na história das violências do bairro, mesmo considerando os tantos episódios desse tipo nas favelas que a formam. Pude testemunhar o acontecimento de modo muito próximo; como poucos outros, ele está presente em meus olhos e memória até hoje, assim como na de muitos moradores da Maré. Os pais daqueles 11 filhos eram paraibanos que migraram de Campina Grande na década de 1970. Eles trabalhavam como comerciantes num pequeno estabelecimento na favela, o que garantia o sustento da família até então.

O drama familiar de 1986 foi antecedido por um fato muito duro, que abalou a família de forma profunda: as mortes do filho mais velho e do caçula; elas ocorreram, coincidentemente, em um mesmo dia do ano de 1981. O primogênito usava drogas e, por alguma razão pouco clara para os familiares, ele ficou com uma dívida na “boca de fumo” local. A fim de “dar exemplo”, ele foi assassinado pelos membros do tráfico numa madrugada qualquer daquele ano, forma de morrer que foi se tornando comum no cotidiano da favela. No mesmo dia, à tarde, o caçula da família, com cerca de quatro anos, brincava em uma rua próxima à residência da família quando foi

atingido por uma bala mortal, resultado de um dos confrontos da época entre grupos de traficantes locais²⁰³.

Uma perda ainda maior atingiu essa família cinco anos após a morte desses dois filhos: um dos cinco irmãos restantes havia se envolvido em atividades criminosas e tinha saído há pouco tempo da cadeia. O rapaz não fazia parte do grupo criminoso armado que dominava a venda de drogas em Parque Maré, à época. Ele atuava de maneira independente e fora da Maré, sendo especialista em assaltos a ônibus e lojas, motivo pelo qual fora preso.

Mesmo tendo saído da cadeia há pouco tempo, o jovem planejou um grande assalto, juntamente com outros criminosos do Parque Maré. Bem sucedido, o grupo decidiu realizar um churrasco para comemorar o feito. A prática de pessoas envolvidas em atividades ilícitas de fazer comemorações após a realização de assaltos com sucesso era comum na favela. No momento do churrasco, realizado numa sexta-feira, à noite, em frente à casa da família, os outros irmãos e os parceiros no assalto estavam presentes. O irmão responsável pelo roubo, de maneira aberta, após beber bastante, começou a falar que tinha feito um grande roubo de jóias. E se gabava de estar com tanto dinheiro que poderia, se quisesse, comprar armas suficientes para tomar os pontos de drogas do chefe do tráfico na ocasião. Nada indicava, aparentemente, que, de fato, pensasse naquilo. Inclusive, um dos seus irmãos, também envolvido em atividades ilícitas, fazia parte do grupo da então cabeça do comércio criminoso local.

Na favela, entretanto, essas falas circulam com rapidez. Ao ficar sabendo do comentário do jovem, o chefe entendeu que o assalto havia sido realizado no intuito de possibilitar a compra de armas e munição para viabilizar a tomada dos pontos de drogas por ele controlados. A interpretação foi de que a comemoração, que reuniu os outros quatro irmãos do assaltante e seus parceiros, teria sido o momento da preparação e definição do possível ataque.

O “dono da favela”, então, convocou um grande baile na noite do sábado, dia seguinte ao fatídico churrasco. Nele, se fizeram presentes vários dos jovens que haviam participado do churrasco. O baile transcorria normalmente quando apareceram dois dos cinco irmãos; eles foram imediatamente capturados pelo

²⁰³Narro o final desse longo confronto, também na forma de um preâmbulo, no Capítulo 3.

bando. Um era o assaltante que fizera o comentário; o outro era o membro do grupo criminoso. Eles passaram a madrugada na mão do grupo, sendo torturados.

Ao saber do ocorrido, ainda na madrugada de domingo, um irmão, não envolvido na criminalidade, se dirigiu armado para o local onde os irmãos estavam sequestrados. No caminho, todavia, ele encontrou com “soldados” do “dono da favela” que vinham em sua captura por ter participado do churrasco de comemoração. Ouve troca de tiros e ele foi assassinado no próprio beco onde havia esbarrado com o grupo de traficantes.

Ao amanhecer de domingo, o irmão mais novo, com 14 anos, também sem envolvimento com atividades criminosas, ficou sabendo do que ocorrera na madrugada com os três irmãos e foi até o chefe do tráfico pedir pela vida dos irmãos ainda vivos. Ele encontrou os traficantes com os irmãos capturados na maior Rua de Nova Holanda, conhecida como Principal. Os dois jovens, que haviam sido duramente espancados, estavam amarrados em postes. Até ali, o irmão adolescente tentava explicar que a história que circulava na favela não procedia; em sua frente, entretanto, o próprio chefe fuzilou os dois irmãos amarrados. Segundo a memória dos moradores, ao ver a cena, o adolescente, transtornado, gritou que iria se vingar. Diante disso, os mesmos homens que mataram os seus irmãos viram suas armas para ele e o fuzilaram e ele caiu ao chão, em frente aos postes onde ficaram expostos os irmãos. Os outros participantes do assalto fugiram da favela, mas, pelo que se disse tempos depois, também foram assassinados em outras favelas da cidade.

Quatro irmãos assassinados em um fim de semana, de forma profundamente brutal. Os crimes chocaram os moradores, que fizeram romaria ao local onde os crimes aconteceram, outra prática comum entre os moradores de favelas. Após a perda de seis filhos através de situações tão brutais, a família aqui retratada decidiu se mudar da Maré, apesar de não ter havido ameaça por parte do chefe do tráfico nesse sentido. Dos filhos, restou apenas um, que já era casado e morava fora da favela; das quatro filhas, três eram casadas e também não mais residiam na Maré.

O enterro dos quatro jovens irmãos foi bem vazio, já que as circunstâncias que levaram à morte trágica dos mesmos provocaram medo nos vizinhos e amigos de comparecerem ao sepultamento. O pai, por ocasião das mortes, se encontrava na Paraíba e não veio ao Rio para acompanhar o enterro dos filhos. A família

considerou ser prudente que o mesmo não se deslocasse até a cidade para se despedir pela última vez deles. A seguir, a mãe dos jovens e uma filha caçula foram se juntar ao pai e nunca mais retornaram à Maré.

Tenho ainda viva em minha memória a imagem daqueles jovens, meus conterrâneos nordestinos, amarrados aos postes, completamente desfigurados e o pequeno garoto caído ao chão. Ao lembrar-me deles, nunca pude deixar de me remeter aos meus pais: eles também tinham saído do interior da Paraíba e chegado à favela; ali se estabeleceram com os seis filhos sobreviventes (seis outros morreriam ainda crianças, de morte natural), repletos de esperanças de uma vida melhor, com mais acesso a novos bens e a novas possibilidades de uma vida feliz. A mesma esperança, crença e busca, certamente, deveria se fazer presente no coração daquela família despedaçada em apenas um final de semana na Maré; um de tantos, marcado pela dor, violência e barbárie. Duas famílias, dois destinos, duas expressões profundas das dores e alegrias presentes nas existências da favela. Nesse quadro, cabe ler as vidas por trás dos números, por trás da esperança e da morte, na busca de nunca esquecer o que motiva a existência: a busca do sentido e do desejo imenso de uma vida melhor.

6.2.

O papel da pesquisa de campo

6.2.1.

A importância da coleta de dados

O presente trabalho, como já foi assinalado, tem como ponto central a reflexão densa sobre a atuação da polícia militar nas localidades que formam a Favela da Maré e o seu significado para os atores nela envolvidos. O seu objetivo maior é compreender, de forma ampliada, como os agentes da segurança pública vêm desenvolvendo suas práticas naquele território e quais as representações que as têm norteado, sabendo-se que elas têm gerado um hiato indiscutível na relação entre forças policiais e os moradores.

Como é sabido, o alto índice de violência identificado nas estatísticas ao longo dos anos no estado do Rio de Janeiro recai, de forma mais letal, sobre um tipo específico de cidadão: o negro, pobre, morador das favelas e periferias. O fato, paradoxalmente, ao invés de gerar uma maior sensibilidade do conjunto da população carioca à vitimização desse grupo social, etário e racial, tem gerado, em particular nos setores dominantes da cidade, uma postura criminalizante, intolerante e progressivamente agressiva em relação aos direitos fundamentais desses sujeitos, em especial os que residem nas favelas. A ação reiteradamente violenta da polícia no Rio contemporâneo se insere, então, num contexto de crescente ignorância dos direitos fundamentais dos grupos subalternos na cidade. A superação desse círculo vicioso exige que compreendamos melhor a dinâmica de atuação e reprodução da violência policial nas favelas, principalmente sabendo-se que seu papel constitucional seria garantir os direitos fundamentais de todos os cidadãos.

Uma das hipóteses axiais do estudo é de que os integrantes da polícia militar que atuam na Maré, do mesmo modo que os grupos dominantes da cidade, em geral, não reconhecem a segurança pública como um direito dos moradores das favelas e periferias. Isso porque estamos tratando de uma região dominada, nas últimas décadas, por grupos criminosos armados que se rivalizam na disputa por ampliar o seu território, visando estabelecer suas atividades ilegais. A disputa pela soberania nos territórios locais entre os diversos grupos armados gerou uma situação de “guerra”, que os coloca em conflito entre si. Nesse quadro, as forças policiais, ao invés de cumprirem um papel mediador que permita uma resolução do conflito e

garanta as condições de vida da população das áreas faveladas, passaram a fazer parte, de forma ativa, do mesmo.

Eu não vejo como a polícia militar pode atuar para que o morador da Maré entenda o papel da polícia. Eles vivem acuados entre o poder do tráfico e vêem a polícia como repressora apenas. Eu tenho na realidade pena de quem mora aqui. Eu acho que eles moram aqui porque não tem outra opção. As pessoas de bem, que eu acredito seja a maioria aqui se pudessem achariam outro local de moradia. Eu lamento muito tudo isso, porque a gente não pode fazer o nosso trabalho como deveria ser feito e nem o morador pode agir livremente aqui.
(F. Policial do 22º Batalhão)

Um elemento comum a todos os grupos armados, incluindo o policial, é a compreensão de que o direito dos moradores terem sua vida, segurança e dignidade respeitados está subordinado aos seus interesses e objetivos específicos. A persistência histórica dessa postura e a coincidência dela entre os grupos armados criminosos, a polícia e os setores dominantes, manifestada, em especial, pelos grandes meios de comunicação, estimularam-me a buscar compreender melhor as suas condições de produção, seus significados, suas conseqüências e como os moradores se sentem e reagem à situação descrita.

Outra hipótese do trabalho era que há algo em comum entre todos os personagens elencados: de fato, os moradores são as principais vítimas do quadro de conflito e sofrem diariamente com o fato de terem de conviver com grupos criminosos armados que dominam a vida na favela. Entretanto, os integrantes desses grupos, inclusive os policiais, também sofrem profundamente com essa situação. Todos partilham uma situação de opressão coletiva – em escalas e com responsabilidades, obviamente, distintas, em uma espiral de violência sem solução e sem vencedores, até onde posso ver, caso se mantenha o paradigma vigente. No caso dos moradores, em particular, é premente a necessidade de que reflitam sobre as condições na qual vivem e encontrem caminhos coletivos para superá-la.

As hipóteses propostas geraram um amplo leque de questões relacionadas ao campo da subjetividade e da objetividade da vida cotidiana dos moradores na favela e dos policiais, bem como às estruturas de representações que se conformaram a partir das práticas e vivências dos atores sociais presentes no território em questão e no conjunto da cidade do Rio de Janeiro. Assim, considere que a compreensão das representações e práticas afirmadas pelos atores mais diretamente envolvidos na

“guerra” poderia trazer uma percepção da realidade para além do que o senso comum condiciona.

O processo de definição sobre quais caminhos seriam mais adequados, no campo metodológico, para construir a apreensão da temática foi demorado e complexo. Passei por muitas indagações sobre quais informações seriam necessárias para a construção da interpretação proposta e quais cruzamentos seriam possíveis para atingir uma apreensão abrangente da ação da polícia na Maré. Além disso, tinha consciência da oportunidade de produzir um leque de informações que servisse não apenas para o presente trabalho ou para meus interesses específicos, mas que fosse útil como subsídio a novos estudos - e ações - na realidade da Maré e, talvez, de outras favelas. Assim, mais que informações localizadas sobre o meu objeto de estudo do doutoramento, concluí que seria mais adequado aproveitar a oportunidade de contatar alguns protagonistas da problemática posta na Maré para produzir uma base de dados e de informações ampliadas sobre a realidade da violência local. Essa base deveria contar com o perfil dos sujeitos e suas percepções sobre um leque de aspectos vinculados, de variadas formas, ao tema da violência.

Definidos os objetivos do trabalho de coleta de dados, encaminhei duas iniciativas para viabilizá-los: a primeira foi aplicar questionários estruturados para moradores da Maré, policiais que ali trabalham e membros dos GCAs locais. A razão para entrevistar os moradores é auto-evidente, visto que são as pessoas que não escolheram a situação de violência construída na favela e são suas principais vítimas. No que toca aos policiais, há uma construção social e histórica de argumentos que vem justificando o uso indiscriminado da força no trato com os moradores de favelas. Compreender como os policiais situam-se diante dessa situação como um todo e, em especial, sobre o direito do morador à segurança e como todos os atores se colocam diante da ação policial foram as preocupações maiores no processo de coleta de informações.

Em relação às pessoas, em geral adolescentes e jovens, empregadas nos GCAs, especialmente no tráfico de drogas, o senso comum sinaliza que eles possuiriam uma compreensão sobre a ação da polícia somente de distanciamento e rechaço. A hipótese que trabalhei ao eleger esse segmento como importante de ser ouvido na pesquisa foi a de que, por serem também moradores da Maré, na sua imensa maioria, eles poderiam, em termos de percepção, ir além da lógica de que os policiais seriam, apenas, os integrantes do “exército inimigo”. Há um peso institucional, histórico, das forças

policiais e seu papel de regulador social que poderia também estar incorporado nas representações usuais que os adolescentes e jovens traficantes constroem sobre eles. Assim, os empregados no tráfico podem estabelecer uma distinção entre o sentimento de ódio aos policiais concretos, responsável pela morte de muitos companheiros de crime, e à instituição, em seu papel social²⁰⁴.

6.2.2. O desenho amostral

Como já descrito, a pesquisa de campo teve como alvo o conjunto de atores envolvidos na realidade em foco neste estudo: moradores, policiais e integrantes de grupos criminosos armados. Todos os moradores foram entrevistados em seus domicílios e os integrantes dos outros grupos em seus locais de trabalho, inclusive os integrantes das facções. Para cada um dos grupos foi aplicado um questionário específico.

No tocante aos policiais e integrantes dos grupos armados, o tamanho da amostra foi arbitrado levando-se em conta um número de entrevistas que fizesse emergir percepções diferenciadas, assim como um conjunto de respostas capazes de abarcar a complexidade dos contextos aqui retratados e vivenciados por cada um desses agentes; além, é claro, dos limites objetivos para localizar os sujeitos e realizar as entrevistas. Desse modo, defini que seriam entrevistados 10% dos agentes policiais lotados no 22º Batalhão Maré e, entre os integrantes dos grupos criminosos armados, não menos que 10 de cada facção (CV, TC, ADA e Milícia).

A pesquisa junto aos moradores foi concebida como uma amostra domiciliar. Em função do interesse da investigação na linha pontuada, busquei levantar dados que pudessem ser agrupados segundo a territorialidade dos grupos armados existentes na Maré. Observa-se no espaço local a presença de quatro grupos criminosos, que se distribuíam da seguinte forma nas 16 (dezesesseis) favelas, durante a realização das entrevistas: Comando Vermelho - CV: Parque União, Parque Rubens Vaz, Nova Holanda e Parque Maré e Marcílio Dias;²⁰⁵ Terceiro Comando Puro - TCP: Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Conjunto Bento

²⁰⁴. No caso da postura dos milicianos em relação à polícia, ela caminha, de fato, nessa direção, visto eles se reconhecerem mais com esse segmento do que com a rede social criminosa envolvida no tráfico de drogas.

²⁰⁵. O CV se divide, na Maré, entre 3 grupos autônomos: um domina a Marcílio Dias; outro grupo domina o Parque União e o terceiro grupo domina as outras 3 favelas. Os grupos não têm conflitos entre si, mas não atuam juntos contra os outros grupos ou para se defenderem.

Ribeiro Dantas e Morro do Timbau;²⁰⁶ Amigos dos Amigos - ADA: Vila Pinheiros, Conjunto Pinheiros²⁰⁷, Salsa e Merengue, Vila do João, Conjunto Esperança; Milícia: Praia de Ramos e Roquete Pinto.

Na pesquisa foram classificadas como: Área 1, as favelas sob o controle do CV; Área 2, do TC; Área 3, da ADA; e Área 4, da Milícia.

Assim, o desenho da amostra observou a seleção de um número mínimo de domicílios em cada uma das quatro áreas. Para cada uma, foi gerada uma amostra distinta, com tamanho pré-definido, independente do número de domicílios de cada área (estas reuniam, segundo o Censo Maré 2000, cerca de 18 mil, 6,5 mil, 12 mil e 2,3 mil domicílios, respectivamente). A proposta foi a de quantificar as variáveis de interesse tornando possível a comparação entre as áreas, tendo em vista a estimação de um erro amostral baixo em cada uma delas.

Tão importante quanto o número de elementos selecionados para minimizar o erro amostral – que pode ser calculado – é o grau de confiabilidade ou imparcialidade na seleção dos elementos de pesquisa para minimizar os erros não amostrais – estes, não calculáveis. Assim, a proposta metodológica da pesquisa fundamentou-se na seleção aleatória das unidades de coleta, a partir de cadastro elaborado no Censo Maré 2000²⁰⁸ para os domicílios. O método utilizado para a seleção foi o da Amostra Aleatória Sistemática, na qual um domicílio é escolhido aleatoriamente e os demais, obtidos através de intervalos equidistantes – neste caso, com base na ordem em que os domicílios aparecem na listagem do mencionado cadastro. Portanto, trata-se de uma amostra probabilística, já que todo domicílio pertencente ao universo teve probabilidade conhecida e não nula de ser selecionado²⁰⁹.

Com isso, arbitrou-se em 100 unidades o tamanho mínimo da amostra em cada área de trabalho. Em que pese ser possível calcular a margem de erro em tais amostras (no caso, variaria em torno de 10 pontos percentuais para mais ou para

²⁰⁶. O Terceiro Comando tem uma divisão interna, havendo também o Terceiro Comando Jovem. O TCP é a principal força e apenas ele existe na Maré e por isso o denominamos apenas TC para os efeitos desse trabalho.

²⁰⁷. No mês de junho, o TC invadiu e retomou o controle do conjunto Pinheiros e de Salsa Merengue, que estava sob o seu domínio há cerca de dez anos. Após a morte de dirigentes da ADA que seriam, aparentemente, mais favoráveis a um “acordo de paz” ou algo similar, o conflito tende a durar muito tempo; ele tem provocado uma grande tensão e muitas mortes na Maré.

²⁰⁸. Censo Maré 2000. Realizado pelo antigo CEASM.

²⁰⁹. SILVA, Nilza Nunes da. Amostragem Probabilística: Um Curso Introdutório. 2 ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p.24.

menos, segundo um nível de confiança de 95%), não residiu propriamente no erro amostral a maior preocupação com relação à representatividade dos resultados, pois a adoção de um método aleatório de seleção, submetido a controle metodológico e crítica rigorosa dos resultados, permitiria aceitar, inclusive por testes estatísticos, se fosse o caso, um afastamento pouco expressivo entre as médias amostrais e os parâmetros populacionais, conforme o nível de confiança desejado.

Todavia, ainda que a metodologia empregada neste levantamento de dados faculte calibrar a amostra e calcular erros e pesos amostrais, a expansão dos resultados para o universo de moradores das áreas de trabalho e da Maré não se colocou em momento algum como a intenção suprema deste estudo. Apesar de buscar construir procedimentos rigorosos em termos estatísticos, não almejei realizar uma pesquisa completamente validada nesse campo.

Em meio aos desafios inerentes à coleta de informações sobre o tema na realidade de conflito da Maré, levar a cabo a expansão dos resultados para o universo de moradores exigiria uma série de novos cálculos e procedimentos estatísticos que poderiam inviabilizar a conclusão do trabalho no prazo objetivo que possuía para a análise dos dados. Situações como a recusa de apenas um membro do domicílio ou o registro de domicílios fechados imporiam alguns ajustes que, não ocupando lugar fundamental neste estudo, foram preteridos. No entanto, privilegiou-se o exato registro de todas as unidades selecionadas e visitadas, bem como da população-alvo do estudo; a crítica às respostas; a codificação cuidadosa; a análise das inconsistências; e a imputação necessária à correção da base de dados.

Logo, em termos de rigor estatístico, o mais adequado é considerar os resultados apresentados sem os expandir para o conjunto da área ou da Maré. Por outro lado, em uma perspectiva mais sociológica, *lato senso*, com as devidas ressalvas para não incorrer em mero empirismo infundado, é possível falar na forte possibilidade de que aquelas posições apresentadas possam ser inferidas para uma parcela considerável da população da Maré. Esse esforço de ajustes estatísticos poderá ser realizado para trabalhos futuros, por mim ou por outros pesquisadores que se interessem pela base de dados, ora disponibilizada.

Em cada domicílio, as entrevistas foram dirigidas a todos os moradores com 20 ou mais anos de idade e somente estes fizeram parte da população da pesquisa. Estabeleci a idade mínima de 20 anos para ter acesso a pessoas com maior grau de autonomia pessoal, além de um tempo maior de vivência na realidade local antes da chegada do Batalhão, em 2003.

6.2.3. Os instrumentos de coleta

Os instrumentos foram estruturados em cinco blocos comuns: (1) perfil dos entrevistados; (2) posicionamento deles em relação à Maré; (3) posicionamento em relação à violência; (4) em relação à ação da polícia; e (5) possíveis caminhos para tratar a questão da segurança pública na Maré e no Rio de Janeiro. Nos três instrumentos de levantamento dos dados, os itens versaram no mesmo sentido, guardadas as especificidades de cada segmento, que foi o de clarificar quem era e como pensa o “sujeito” retratado pela investigação de campo. A idéia de partir de uma mesma base de questões tem por finalidade a aproximação ou, em alguns casos, a comparação entre as posições assumidas pelos agentes estudados na pesquisa.

A seguir, uma descrição mais detalhada dos blocos:

- a. Qualificação dos entrevistados. Neste item, buscou-se identificar o perfil dos moradores, dos profissionais da segurança atuantes no 22º Batalhão, dos empregados no tráfico de drogas e dos milicianos. Interessou-nos saber qual era a voz que se colocava em evidência no trabalho em questão. Dessa forma, as perguntas consistiram numa distinção por sexo; idade; grau de escolaridade, cor/raça; local de moradia; tempo de moradia na Maré; ou, no caso dos policiais, período no qual atuavam na região; religião e a condição profissional.
- b. As questões do segundo bloco trataram da percepção dos entrevistados sobre a Maré. Foi indagado, por exemplo, sobre como os entrevistados nominam a Maré, se “bairro” ou favela; sobre os seus aspectos positivos e os negativos, tanto para quem reside como para quem trabalha na região. No caso dos policiais, foi perguntado, ainda, como eles representam a população que vive na Maré.

c. O terceiro bloco tratou do tema da violência. Em todos os três instrumentos de pesquisa foi solicitado aos entrevistados – moradores, policiais e empregados no tráfico de drogas e milicianos – que escolhessem uma definição de violência com a qual mais se identificassem. O questionário apresentou três opções. Depois dessa questão as perguntas versaram sobre como percebiam a violência no Rio de Janeiro e na Maré; como ela as atingia; qual o nível de envolvimento que cada um tinha com a violência que ocorre na Maré; quais tipos de violências consideram mais grave na Maré etc.

d. A penúltima parte do instrumento focou na percepção dos entrevistados sobre a ação da polícia militar e dos grupos criminosos armados, inclusive da milícia. O princípio nesta parte do instrumento foi de que tanto os moradores como os empregados das facções e também a polícia pudessem expressar como entendem e vivenciam o trabalho da polícia na Maré. Esse item do questionário ocupou um importante e significativo tempo no processo de elaboração, visto sua evidente importância para a tese. A tentativa com ele foi estimular que o entrevistado se posicionasse, a fim de trazer à reflexão representações que um segmento possuía do outro e até que ponto essas representações se relacionam com as ações efetivadas na região no campo da segurança pública.

e. A última seção do instrumento de pesquisa, por fim, tentou identificar a percepção dos entrevistados sobre quais os caminhos identificados por eles para se pensar a segurança pública numa região com as características da Maré. O intuito maior era identificar se eles viam “luzes no final do túnel”; como cada agente envolvido pensa a sua atuação e envolvimento para transformar a realidade que vivenciam no campo da política pública e da violência; qual seria o papel de cada um na caminhada pela busca de uma ação da polícia com participação da sociedade e mais cidadã.

6.2.4. O trabalho de campo

O aspecto mais significativo – e trabalhoso – do processo de coleta de dados foi a aplicação dos questionários para os moradores. Inicialmente, realizei a seleção de um grupo de entrevistadores junto ao universo de universitários

moradores da Maré, chegando a 21 o número final, com as saídas e entradas durante o processo de coleta dos dados. A maioria declarou se interessar em participar da pesquisa especialmente porque, como moradores da Maré, gostariam de ser parte do processo de reflexão e busca de caminhos sobre as questões relativas à violência, à segurança pública e à ação da polícia.

No processo de treinamento do grupo, contamos com a colaboração de um profissional da área de estatística, que possui uma longa experiência com trabalho de pesquisa em favelas e já atua a oito anos na Maré. Na formação dos pesquisadores da Maré para a coleta de dados, a preocupação maior foi a de oferecer conteúdos técnicos básicos, estrito senso, sobre a pesquisa, tais como: esclarecimentos sobre a organização do conteúdo dos instrumentos; cobertura das áreas e distribuição dos domicílios, abordagem dos entrevistados, desenvolvimento da coleta; crítica, codificação e sistematização dos dados; entre outros. De forma especial, todavia, me dediquei a apresentar o sentido da pesquisa, o que ela representava no contexto da Maré e quais as estratégias que deveriam ser usadas para superar as, inevitáveis, resistências de alguns moradores. Resistências que também faziam parte do imaginário de alguns dos jovens universitários dispostos a participar da iniciativa. Os entrevistadores, então, encaminharam a aplicação do instrumento nas respectivas áreas de moradia ou entorno.

A coleta dos dados teve início em agosto de 2008, sendo as localidades da Área 1 os primeiros espaços onde ela se realizou. Como era previsto, o processo de ir às ruas e, em certa medida, persuadir os moradores a refletirem sobre o tema em pauta foi tortuoso para alguns dos jovens. Já na primeira semana da coleta, quatro pediram para deixar a atividade, pois se sentiram muito ameaçados ao fazer as entrevistas onde moravam, apesar de não terem tido nenhuma experiência concreta de coação ou tensão. Os que permaneceram tinham, além do forte interesse no tema, o compromisso com o processo mais global de transformação da Maré. Assim, eles aplicaram o instrumento com imenso rigor no que concerne à qualidade da informação.

O estabelecimento de reuniões semanais com os pesquisadores, tendo como pauta o processo de realização do trabalho de campo, foi fundamental para a compreensão e a identificação das barreiras para se obter sucesso na coleta das informações.

Uma observação importante: obviamente, teria sido bem mais simples se tivéssemos utilizado na coleta de dados com os moradores, a técnica denominada “bola de neve”, onde um informante indica outro, ou se partíssemos da rede social dos pesquisadores, estratégias utilizadas com os demais segmentos. Considerei, todavia, que, mais do que os limites em termos de validade estatística, visto a amplitude do universo de moradores, havia possibilidade dessas estratégias provocarem um forte viés na pesquisa, principalmente considerando-se que os entrevistadores eram universitários, grupo minoritário no território, e que suas redes sociais poderiam não refletir a totalidade das redes sociais presentes na Maré. Assim, preferi optar, apesar do esforço muito maior, pela escolha aleatória dos entrevistados nas localidades.

A opção estabelecida implicou o gasto de um tempo bem maior que o usual para a aplicação do questionário. Afinal, no caso do tema em estudo, o estabelecimento de uma relação de confiança era fundamental. Em diversas ocasiões, foi necessário ir à casa do entrevistado selecionado duas ou até três vezes antes de viabilizar a aplicação do instrumento. Apenas após a conclusão de que não seria possível realizar a entrevista naquele domicílio é que se buscava outro.

Ao explicar o tema da tese e o seu foco, qual seja, a segurança pública com ênfase para a ação da polícia militar nas favelas, o estranhamento era inevitável, assim como a manifestação de um evidente temor por parte de muitos entrevistados. Vários manifestaram explicitamente a preocupação por estarmos tentando trabalhar com questão tão delicada na Maré. Nesses casos, houve um esforço significativo, tanto de minha parte como da equipe de pesquisadores, em apresentar os intuítos da pesquisa, de que não estávamos fazendo uma reportagem, de que não seriam publicados os nomes das pessoas entrevistadas, tampouco se faria a descrição ou análise de casos individuais.

Logo nos primeiros dias de trabalho, alguns entrevistadores relataram detalhes da experiência de realizar o preenchimento dos instrumentos nas casas dos moradores:

Numa casa, no Parque União, uma senhora agiu de modo completamente destemperado e muita desconfiança: “Quem são vocês? Por que estão vindo na minha casa perguntar sobre violência e polícia? Por que a minha casa foi escolhida? Por que vocês estão com o meu endereço? Eu não quero falar nada. Eu não sei de nada, não. É melhor vocês voltarem numa hora que o meu marido está em casa. (M. entrevistadora, moradora do Parque União)

Numa casa, em Nova Holanda, uma senhora se recusou a fazer a entrevista dizendo o seguinte: “Num vou falar nada não! Tenho medo. E se os “meninos” pegarem

essa sua lista?²¹⁰ _" Então eu disse: não, senhora. Aqui não tem o seu endereço completo não. "São códigos que só quem faz parte da pesquisa pode identificar." -"Não adianta, minha filha. Se fosse outro tipo de pesquisa eu falaria, mas isso não! (E. universitária, moradora de Nova Holanda)

Numa outra casa da Vila dos Pinheiros fiquei muito contente de ver que morador entendeu o sentido da pesquisa e queria falar o tempo todo: olha meu filho, deveriam fazer mais isso, alguém tem de saber a opinião dos moradores sobre esse problema da polícia e de como é a nossa vida aqui. Alguém tem que tomar uma providência, pode me perguntar que eu respondo, pois queria ver muito a nossa comunidade livre desses problemas de violência.
(J. universitário morador da Vila Pinheiros).

Olha, Eliana, eu fiquei muito animada em participar dessa pesquisa sobre como a polícia trabalha aqui na Maré. Eu queria muito fazer, pois seria uma oportunidade de aprender como fazer uma pesquisa acadêmica e, também, ajudar a minha comunidade. Mas senti muito a recusa de alguns dos moradores ao irmos aos endereços definidos. Em algumas casas, me deu medo de fazer algumas perguntas, pois, sei lá, de repente tem uma pessoa que é misturada com os "meninos" do tráfico e eu poderia ser mal interpretada, entende. Eu acho melhor não ficar e depois te atrapalhar, já que você tem um prazo para realizar essa pesquisa. Mas eu queria te dizer que é muito importante esse trabalho.
(C. universitária, moradora do Parque Rubens Vaz)

As dificuldades com os entrevistados foram sempre tratadas caso a caso, de maneira delicada, com o devido respeito aos seus temores e argumentos; o acúmulo e partilha das experiências entre os entrevistadores permitiu a construção de estratégias de variadas ordens para lidar com as situações objetivas do campo. Com isso, foi sendo possível romper com o tabu de que na favela é proibido falar de segurança pública. Esse era, também, um objetivo importante do estudo, tendo em vista que há cada vez mais a necessidade de se buscar compreender o universo de questões que envolvem a garantia do direito à segurança pública das populações que residem em áreas dominadas por grupos criminosos armados.

Neste sentido, a coleta teve uma importância especial por ser uma iniciativa pioneira em termos de produção de um material sobre o tema levantado por moradores de favela, junto a moradores locais, em uma área de grande abrangência populacional e com um grau de complexidade inigualável no Rio de Janeiro do ponto de vista dos conflitos armados.

As muitas dificuldades iniciais e as desistências de alguns universitários envolvidos na pesquisa logo no seu início geraram a necessidade de se buscar novos entrevistadores, o que demandou a realização de novos treinamentos sobre

²¹⁰. "meninos" é uma denominação usual para os jovens empregados no tráfico de drogas, em muitas favelas do Rio de Janeiro. O termo sempre é usado no plural.

o preenchimento dos instrumentos, bem como a forma de abordagem e realização da pesquisa. O fato contribuiu para uma permanência além da prevista na Área 1. O planejamento inicial era de permanecermos um mês em cada uma das áreas, bem como dedicar uma atenção especial para o desempenho de cada entrevistador na realização das entrevistas. Em função dos problemas iniciais, permanecemos 45 dias na primeira área. O lado positivo do ocorrido foi que quando fomos para a área seguinte já tínhamos acumulado uma experiência bem maior sobre como lidar com as eventuais recusas dos moradores. Nos cinco meses de pesquisa de campo, como já mencionado, houve a participação de 21 pesquisadores, com dez destes permanecendo durante todo o trabalho.

No tocante às entrevistas com os policiais, estas foram realizadas por mim, no 22º Batalhão de Polícia, nos PCCs da Vila do João e do Parque União, além de algumas cabines de rua, instaladas em pontos específicos da Maré. Os nomes dos selecionados foram indicados pelos oficiais ou por praças com quem estabelecemos contatos; as resistências foram muitas e o trabalho de convencimento para que aceitassem a aplicação do questionário foi intenso.

No caso dos empregados em atividades criminosas, o acesso foi estabelecido através de minha rede social e a de mediadores locais. Não cabia, obviamente, nos dois casos, a construção de uma técnica de seleção aleatória. No caso da aplicação dos questionários com as pessoas envolvidas em atividades ilícitas, contei com a ajuda de uma profissional que tinha experiência na realização de pesquisas na Maré e outras favelas cariocas. Ela morou dezenas de anos na Maré, tem mestrado e desenvolve projetos sociais em favelas.

Após a aplicação do questionário, realizei entrevistas profundas com indivíduos integrantes dos segmentos escolhidos na pesquisa, exceto a milícia, a fim de garantir um aprofundamento de pontos e questões relevantes para a análise do material coletado via os questionários. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois chefes e dois empregados do tráfico de drogas; sete policiais – sendo três oficiais do Batalhão, dois *praças*, um delegado da Polícia Civil e um inspetor da mesma corporação; no caso dos moradores, tive vários níveis de diálogo durante o desenvolvimento do trabalho, desde duas entrevistas profundas até dezenas de conversas com diferentes níveis de profundidade.

As entrevistas e os diálogos serviram como apoio fundamental para o processo de análise do material coletado através dos questionários e para muitas

formulações que foram sendo apresentadas no decorrer do texto. A fim de permitir ao eventual leitor o acesso, de modo mais direto, às falas, incorporei o conteúdo de algumas entrevistas, com mais detalhes, ao capítulo 9 desse trabalho.

Diante do quadro descrito, a experiência de coleta de dados foi, talvez, o resultado mais alvissareiro de todo o trabalho: o grupo de moradores alcançados pela pesquisa foi bastante significativo; conseguimos entrevistar um número expressivo de policiais e mesmo milicianos, segmentos que julgávamos, inicialmente, que teríamos uma dificuldade muito maior para atingir; além disso, conseguimos formar pessoas da Maré no tema e colocar a pauta da segurança pública na agenda da sociedade civil local²¹¹. Acima de tudo, ficou evidente com o trabalho de campo que, apesar dos obstáculos encontrados, é possível o desenvolvimento de pesquisas que tratem do tema da segurança pública nas favelas e que urge a realização de investigações análogas em outros espaços similares. Desse modo, haverá melhores condições para se compreender as formas concretas das relações entre as forças policiais e as populações em condições subalternas da cidade.

²¹¹. A realização da I Conferência Livre de Segurança Pública da Maré, em junho de 2009, a primeira realizada em uma favela carioca, é uma expressão da possibilidade de novas formas de tratamento do tema da segurança pública em áreas dominadas por grupos criminosos.

6.3. Os dados revelados/reveladores

A exposição e análise dos dados levantados na pesquisa estão agrupadas de modo a expressar um quadro coerente do conjunto de elementos trazidos nos dois momentos da pesquisa, quais sejam: o contado direto para o preenchimento dos instrumentos e quando da realização das entrevistas profundas. Dessa forma, e para tornar acessível à compreensão do conjunto de elementos reunidos, a partir desses contextos, organizamos a leitura e crítica do material levantado com base nos quatro itens que orientaram a montagem do questionário e do roteiro de perguntas apresentadas aos entrevistados.

Na primeira parte, tratamos, então, do perfil dos três grupos de entrevistados. A intenção é revelar algumas de suas características centrais e o que é representado por cada um dos segmentos alcançado nessa pesquisa. As informações sobre os perfis permitem ao leitor, de maneira progressiva, um contato mais qualitativo com o público considerado na tese. Nos itens seguintes, organizamos as respostas dos entrevistados considerando três percepções: a da Maré; a da violência e a da ação policial no espaço local. A reflexão nessas partes da análise considerou o que foi identificado, captado por um dos grupos entrevistados em comparação com os outros e vice-versa.

6.3.1. Perfil dos entrevistados

6.3.1.1. Perfil dos moradores da Maré entrevistados

Na descrição do perfil dos moradores da Maré entrevistados, ao contrário do que ocorre em relação aos integrantes dos GCAs e do Batalhão, como apresento no desenvolvimento desse item, não há um padrão bem definido. Contudo, ressalta-se o fato de haver um número maior de mulheres, de adultos (não jovens) e de idosos, de trabalhadores no mercado formal e de negros – pretos ou pardos.

Um aspecto expressivo é o fato da grande maioria dos entrevistados morar um longo tempo na Maré, fato já registrado em outros levantamentos feitos na Favela. Do mesmo modo, há um número significativo de trabalhadores e de pessoas com baixa

escolaridade, embora tenha crescido muito nos últimos anos o número de pessoas com nível superior, conforme dados como o do censo já citado.

Quanto à religião, caso se considere a denominação cristã, o número é muito expressivo, mas os entrevistados se distinguem basicamente entre católicos e evangélicos. Nesse caso, são notórias as profundas diferenças em termos de prática religiosa, no Brasil, entre os que se identificam, em geral, como católicos e o que se identificam como evangélicos. No caso dos primeiros, como expressão religiosa numericamente dominante, há um percentual significativo de pessoas que não praticam, de fato, o culto, ao contrário dos cristãos evangélicos. Não é possível desconsiderar, também, embora em percentual bem menor, o quantitativo de pessoas que se declaram sem religião.

A heterogeneidade no perfil dos entrevistados é positiva, pois permite ter respostas de um leque que representa, de forma ampla, a diversidade dos moradores da Maré, excluindo-se os adolescentes e crianças, que não fazem parte do universo da pesquisa.

O banco de dados relacionado aos moradores da Maré foi construído a partir de 514 (quinhentos e catorze) entrevistas realizadas em 243 (duzentos e quarenta e três) domicílios, distribuídos pelas quatro áreas apresentadas no item anterior. O entrevistador necessitou de cerca de 30 minutos para concluir o questionário, que possuía um total de 76 (setenta e seis) quesitos. Os domicílios foram selecionados aleatoriamente no cadastro do Censo Maré 2000 e a coleta obedeceu às especificidades de cada extensão territorial delimitada. O método de amostragem utilizado propiciou a seleção de 100 domicílios em cada área, com reposição, porém, a cobertura atingiu os seguintes quantitativos de domicílios com entrevistas realizadas e de moradores entrevistados:

O maior número de entrevistas foi realizado na Área 2 (Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Morro do Timbau e Conjunto Bento Ribeiro Dantas), 188 moradores, onde atua o grupo criminoso denominado Terceiro Comando, seguido da Área 3 (Conjunto Pinheiros, Vila Pinheiros, Salsa e Merengue, Vila do João e Conjunto Esperança) com 145 entrevistados, comandada pelo grupo Amigos Dos Amigos - ADA. Logo a seguir vem a Área 1 (Nova Holanda, Parque Maré, Parque Rubens Vaz e Parque União), com 127, controlada pelo Comando Vermelho. Fechando o número de entrevistas tivemos a Área 4 (Parque Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias), favelas onde está a milícia na Maré, com 54 entrevistados. A

Favela de Marcílio Dias passou a ser controlada pelo grupo criminoso Comando Vermelho no período de realização da pesquisa, tendo saído o grupo de milicianos ali existente. Para efeito da pesquisa, Marcílio Dias ainda foi considerada área de milícia, conforme identificação estabelecida no início da pesquisa. (Tabela 5)

Tabela 5. Número de domicílios com entrevista realizada e de moradores entrevistados segundo a área de coleta

Áreas de coleta	Domicílios com entrevista		Moradores entrevistados	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Área 1 - Parque União, Parque Rubens Vaz, Nova Holanda e Parque Maré	63	25,9	127	24,7
Área 2 - Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Morro do Timbau e Conjunto Bento Ribeiro Dantas	79	32,5	188	36,6
Área 3 - Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Salsa e Merengue, Vila do João e Conjunto Esperança	74	30,5	145	28,2
Área 4 - Parque Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias	24	9,9	54	10,5
Total	243	100,0	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

O primeiro aspecto a ser considerado na análise referente ao segmento morador diz respeito à diferenciação do número de entrevistados em cada área. Nas áreas 2 e 3, que englobam as favelas onde atuam o Terceiro Comando e os Amigos dos Amigos, respectivamente, foi possível realizar 64,8% das entrevistas. Já nas áreas 1 e 4, em favelas onde estão o Comando Vermelho e a Milícia, tivemos o percentual restante, 35,2%. O número tão diferenciado de entrevistas por setor derivou, basicamente, de dois fatores alheios ao número total de moradores nessas áreas: a aceitação dos moradores em responder ao questionário e o engajamento específico dos pesquisadores. Assim, no caso da Área 2, por exemplo, o grupo de pesquisadores recrutado teve um envolvimento tal com o trabalho, que culminou em um resultado acima do obtido nas áreas com populações maiores. No caso da Área 4, dominada pelas milícias, pesou sua histórica distância do núcleo central da Maré, o número menor de pesquisadores e a maior desconfiança dos moradores locais com o trabalho.

Numa visão geral, o perfil dos entrevistados, agregando-se as quatro áreas nas quais foram distribuídas as dezesseis favelas da Maré, é de 299 (duzentos e noventa e nove) mulheres e de 215 (duzentos e quinze) homens. A maior participação das mulheres na pesquisa deve-se, em primeiro lugar, ao fato delas permanecerem mais tempo no domicílio. Além disso, ficou evidente na coleta o maior interesse e maior liberdade delas para abordar do tema. O fato revela, em certa medida, que elas se sentem mais seguras para tratar de assuntos concernentes à vida cotidiana, que envolve a questão policial e o tema da violência, do que os homens.²¹² Logo, provavelmente seja necessário levar em conta o fator gênero para a construção de iniciativas sustentáveis no campo da mobilização pela segurança pública nas favelas e territórios afins. (Tabela 6)

Em relação ao tempo de residência na Maré, identificamos que 345 (trezentos e quarenta e cinco) moram há 20 ou mais anos; 87 (oitenta e sete) entre 10 e 19 anos; 33 residem num período que vai de 5 a 9 anos; 47 dos entrevistados moram há menos de 5 anos e 2 entrevistados não responderam. O que se observa desse fato é que 67,1% dos entrevistados residem há 20 ou mais anos nas favelas que englobam essa área; o fato, já constatado em outras pesquisas feitas com a população local, demonstra a grande estabilidade histórica das famílias na região. Não foi possível constatar alguma relação entre o tempo de moradia e a disponibilidade para responder ao questionário; mas é possível deduzir que os moradores mais antigos se sentem mais seguros para responder a solicitações como a da pesquisa e, provavelmente, para se envolverem mais com ações no campo da segurança pública; isso porque o tempo de permanência gera um maior conhecimento das redes sociais e das pessoas locais, inclusive as empregadas no tráfico. Essa é uma questão a ser melhor averiguada em outros trabalhos similares. (Tabela 7)

²¹² Da mesma forma, a Conferência Livre da Maré sobre Segurança Pública contou com maior presença de mulheres do que de homens – 96 a 87. A iniciativa do PRONASCI denominada “mulheres da paz” leva, provavelmente, essa variável em conta, embora a presente pesquisa não tenha localizado eventuais justificativas baseadas em algum estudo mais específico a respeito.

Tabela 6. Distribuição dos moradores entrevistados segundo o sexo por área de coleta

Área	Masculino		Feminino		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1	53	41,7	74	58,3	127	100,0
2	79	42,0	109	58,0	188	100,0
3	61	42,1	84	57,9	145	100,0
4	22	40,7	32	59,3	54	100,0
Maré	215	41,8	299	58,2	515	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 7. Distribuição dos moradores entrevistados segundo o tempo de residência na Maré por área de coleta

Área	menos de 5 anos		entre 5 e 9 anos		entre 10 e 19 anos		20 anos ou mais		não sabe/ não resp.		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1	11	8,7	11	8,7	19	15,0	85	66,9	1	0,8	127	100,0
2	11	5,9	4	2,1	29	15,4	143	76,1	1	0,5	188	100,0
3	17	11,7	12	8,3	32	22,1	84	57,9	-	-	145	100,0
4	8	14,8	6	11,1	7	13,0	33	61,1	-	-	54	100,0
Maré	47	9,1	33	6,4	87	16,9	345	67,1	2	0,4	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No tocante à idade dos entrevistados, 33,9% possuíam idade entre 30 e 44 anos, 28,8% se encontravam dentro da faixa de 20 a 29 anos, 23,3% com 45 a 59 anos e 14,0% com mais de 60 anos. Os relatos dos entrevistadores apontavam que os adultos e os mais velhos ficaram mais à vontade para responder ao questionário do que os mais jovens e os moradores na faixa da maturidade. De acordo com os entrevistadores, de fato, os adultos ficavam mais à vontade do que os jovens, especialmente os do sexo masculino. Isso se deve, provavelmente, ao tema da violência atingir de forma mais direta a essa última faixa etária, seja através da presença nos grupos em luta ou como alvo da ação policial. (Tabela 8)

Tabela 8. Distribuição dos moradores entrevistados segundo a faixa etária por área de coleta

Área	20 a 29 anos		30 a 44 anos		45 a 59 anos		60 anos ou mais		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1	34	26,8	38	29,9	36	28,3	19	15,0	127	100,0
2	50	26,6	66	35,1	35	18,6	37	19,7	188	100,0
3	47	32,4	52	35,9	36	24,8	10	6,9	145	100,0
4	17	31,5	18	33,3	13	24,1	6	11,1	54	100,0
Maré	148	28,8	174	33,9	120	23,3	72	14,0	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No que se refere à escolaridade, 57,8% estão cursando ou já finalizaram; 30,9% estão em processo de estudo ou concluíram o ensino médio; 4,7% se encontram fazendo ou se graduaram na universidade e 6,4% declararam não saber ler. (Tabela 9)

Tabela 9. Distribuição dos moradores entrevistados segundo a escolaridade declarada por área de coleta

Área	Ensino Fundamental (completo ou incompleto)		Ensino Médio (completo ou incompleto)		Ensino Superior (completo ou incompleto)		Não sabe ler nem escrever		Não sabe/Não resp.		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1	70	55,1	41	32,3	7	5,5	8	6,3	1	0,8	127	100,0
2	101	53,7	60	31,9	10	5,3	17	9,0	-	-	188	100,0
3	88	60,7	45	31,0	6	4,1	6	4,1	-	-	145	100,0
4	38	70,4	13	24,1	1	1,9	2	3,7	-	-	54	100,0
Total	297	57,8	159	30,9	24	4,7	33	6,4	1	0,2	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Do mesmo modo que no caso das mulheres, as pessoas com maior escolaridade tiveram uma maior facilidade em responder ao questionário e se sentiam mais à vontade diante das perguntas. No ano 2000, de acordo com o IBGE, pouco mais de 10% da população carioca em idade escolar havia alcançado nível superior, completo ou incompleto. O Censo realizado na Maré em 2000 localizou pouco mais de 1,6% de pessoas com essa escolaridade. Nesse quadro, o percentual de quase 5% de moradores com nível superior respondendo ao questionário é expressivo, mesmo considerando o previsível crescimento do

percentual local em função da experiência com Cursos pré-vestibulares comunitários, como o da REDES da Maré, desde a realização do Censo 2000. O mesmo ocorre em relação ao número de respondentes cursando ou tendo concluído o ensino médio, 31%, o que está acima do percentual encontrado na população da cidade do Rio de Janeiro em 2000 – pouco menos de 25% – e do histórico da Maré, que tinha apenas 10% de sua população de chefes de família com essa escolaridade em 2000.

Quanto à religião, encontramos no conjunto dos entrevistados 51,7% de católicos; 32,4% de protestantes; 13,6% sem religião; 1,4% de espíritas; 0,6% do candomblé e 0,2% de budistas. Cabe ressaltar que os resultados aqui obtidos são semelhantes aos dos censos do IBGE e o da Maré, realizados no ano 2000. (Tabela 10)

Tabela 10. Distribuição dos moradores entrevistados segundo a religião que professam por área de coleta

Área	Religião												Total	
	Nenhuma		Católica		Protestante		Espírita		Candomblé		Budista			
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
1	24	18,9	64	50,4	35	27,6	3	2,4	-	-	1	0,8	127	100,0
2	15	8,0	122	64,9	50	26,6	1	0,5	-	-	-	-	188	100,0
3	29	19,9	49	33,6	63	43,2	2	1,4	2	1,4			145	100,0
4	2	3,7	31	57,4	19	35,2	1	1,9	1	1,9		-	54	100,0
Maré	70	13,6	266	51,7	167	32,4	7	1,4	3	0,6	1	0,2	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Já no item cor/raça, 40,7% se declararam de cor parda; 35,6%, branca; 17,9% preta; 1,0%, amarela; 0,6%, indígena; e 4,3% não responderam a essa pergunta. O curioso em relação ao percentual é que o número de pessoas de cor preta respondente se revela bem superior à média brasileira, que era, em 2000, de cerca de 5% da população brasileira e 7% da carioca. O número de brancos respondentes, por sua vez, se revela bem abaixo da média da população carioca, de quase 60%, e da Maré, onde 42% da população se declararam de cor branca no Censo Maré 2000. (Tabela 11)

Tabela 11. Distribuição dos moradores entrevistados segundo a cor/raça declarada por área de coleta

Área	Cor/Raça												Total	
	Branca		Preta		Parda		Amarela		Indígena		Não sabe/ Não resp.			
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
1	51	40,2	22	17,3	47	37,0	1	0,8	3	2,4	3	2,4	127	100,0
2	67	35,6	28	14,9	83	44,1	1	0,5	-	-	9	4,8	188	100,0
3	54	37,2	31	21,4	48	33,1	3	2,1	-	-	9	6,2	145	100,0
4	11	20,4	11	20,4	31	57,4	-	-	-	-	1	1,9	54	100,0
Maré	183	35,6	92	17,9	209	40,7	5	1,0	3	0,6	22	4,3	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Daqueles que responderam trabalhar ou estar à procura de trabalho, 61,3% se declararam inseridos numa atividade formal; 29,7%, em um trabalho informal, e 9,0% não responderam. No caso do vínculo com o trabalho, nota-se uma discrepância entre os dados relativos à Área 2 e às outras áreas: naquela, mais de 1/4 dos entrevistados nunca trabalhou ou está inativo. Significa que são pessoas que passam a maior parte do tempo na Maré e, portanto, lidam mais com o seu cotidiano, o que poderia, em alguma medida, afetar sua percepção sobre as situações de violência. Cabe considerar, todavia, que uma parcela significativa da população trabalhadora exerce suas atividades profissionais na Maré. (Tabela 12)

Em termos de condição de atividade, o fato de que apenas 61,3% dos entrevistados que trabalham ou estão procurando trabalho terem respondido exercer uma atividade formal, logo, com um vínculo trabalhista formal, reflete a realidade carioca, que, de acordo com o IBGE, tem um dos maiores percentuais de população em atividades informais – trabalho sem carteira assinada ou por conta própria – do Brasil: pouco mais de 40%. Boa parte desse universo tem baixa escolaridade e baixa renda, ou seja, o perfil socioeconômico dos moradores das favelas. (Tabela 13)

Tabela 12. Distribuição dos moradores entrevistados segundo a situação em relação ao trabalho por área de coleta

Área	Situação em relação ao trabalho								Total	
	Trabalha		Nunca trabalhou		Inativo (aposentado ou pensionista)		Não sabe/ Não resp.			
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1	105	82,7	2	1,6	20	15,7	-	-	127	100,0
2	139	73,9	20	10,6	28	14,9	1	0,5	188	100,0
3	131	90,3	5	3,4	9	6,2	-	-	145	100,0
4	46	85,2	1	1,9	7	13,0	-	-	54	100,0
Maré	421	81,9	28	5,4	64	12,5	1	0,2	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 13. Distribuição dos moradores entrevistados que trabalham segundo a condição da atividade

Condição da atividade	<i>f</i>	%
Atividade formal	258	61,3%
Atividade informal	125	29,7%
Não sabe / Não respondeu	38	9,0%
Total	421	100,0%

Fonte: Dados primários, 2008.

6.3.1.2.

Perfil dos integrantes dos GCAs entrevistados

Homens; baixa escolaridade; negros – pretos ou pardos; jovens e moradores da Maré. Este é o perfil geral dos entrevistados integrantes dos grupos criminosos da Maré. Os Grupos que atuam na Maré, como já foi assinalado, são o Comando Vermelho, o Terceiro Comando, os Amigos dos Amigos e a Milícia. Em cada um desses grupos foram entrevistados dez integrantes, perfazendo um total de 40, todos do sexo masculino, alcançando pessoas que atuam no conjunto de favelas da Maré. Assim, cada área teve um mesmo quantitativo de entrevistados.

O conjunto dos integrantes desses grupos entrevistado se caracteriza, do ponto de vista do tempo de moradia na região, por residir um tempo significativo nas favelas da Maré: metade (20 entrevistados) está há mais de 20 anos; mais de 1/3 (15 entrevistados) mora entre 11 e 20 anos e somente a oitava parte (5 entrevistados) possui menos de 10 anos na Maré. Se olharmos

para os comandos que atuam no tráfico de drogas separadamente das milícias, encontramos os seguintes resultados (Tabelas 14 e 15).

Tabela 14. Distribuição dos integrantes do tráfico entrevistados segundo o tempo de residência na Maré

	<i>f</i>	%
Mais de 20 anos	15	50,0
Entre 11 e 20 anos	13	43,3
Até 10 anos	2	6,7
Total	30	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 15. Distribuição dos integrantes da milícia entrevistados segundo o tempo de residência na Maré

	□	%
Mais de 20 anos	5	50,0
Entre 11 e 20 anos	2	20,0
Até 10 anos	3	30,0
Total	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

O ensino fundamental é a escolaridade predominante – 34 entrevistados – e ainda houve um entrevistado que declarou não ter escolaridade alguma; tendo alcançado o ensino médio, foram apenas oito entrevistados (Tabelas 16, 17 e 18).

Tabela 16. Distribuição dos integrantes dos grupos criminosos armados entrevistados segundo a escolaridade declarada

	<i>f</i>	%
Fundamental	34	85,0
Médio	5	12,5
Nenhum	1	2,50
Total	40	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 17. Distribuição dos integrantes do tráfico entrevistados segundo a escolaridade declarada

	<i>f</i>	%
Fundamental	27	90,0
Médio	3	10,0
Total	30	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 18. Distribuição dos integrantes das milícias entrevistados segundo a escolaridade declarada

	<i>f</i>	%
Fundamental	7	70,0
Médio	2	20,0
Nenhum	1	10,0
Total	40	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Quanto ao quesito cor/raça, 17 se declararam de cor parda; 16, preta, e cinco, branca. Nestes dois indicadores, não se notam diferenças significativas entre os dois grupos, o que indica que o perfil social e educacional dos seus integrantes é muito parecido (Tabelas 19, 20 e 21).

Tabela 19. Distribuição dos integrantes dos grupos criminosos armados entrevistados segundo a cor/raça declarada

	<i>f</i>	%
Branca	5	12,5
Parda	17	42,5
Preta	16	40,0
Não sabe / Não respondeu	2	5,0
Total	40	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 20. Distribuição dos integrantes do tráfico entrevistados segundo a cor/raça declarada

	<i>f</i>	%
Branca	4	13,3
Parda	12	40,0
Preta	13	43,3
Não sabe / Não respondeu	1	3,3
Total	30	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 21. Distribuição dos integrantes da milícia entrevistados segundo a cor/raça declarada

	<i>f</i>	%
Branca	1	10,0
Parda	5	50,0
Preta	3	30,0
Não sabe / Não respondeu	1	10,0
Total	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No caso da faixa etária, contudo, há uma diferença expressiva entre os membros das facções e os milicianos. Enquanto 4/5 dos milicianos entrevistados têm 25 ou mais anos de idade, entre os traficantes, a proporção não chega a 2/5. Por outro lado, no grupo de traficantes, os jovens com até 20 anos de idade perfazem 2/5 do total, enquanto somente um miliciano com essa idade foi localizado para a entrevista. Destaca-se, também, o fato de que cinco traficantes entrevistados eram menores de idade, ao passo que nenhum dos milicianos estava nessa condição. Esses acasos sinalizam que, provavelmente, a milícia local não recruta menores de 18 anos e que os adultos têm um peso expressivo no universo de milicianos. Tal inferência é corroborada não só pelo perfil dos integrantes de milícias que conheci, mas também o daqueles que têm sido denunciados ou presos nos últimos anos, de acordo com observações empíricas (Tabelas 22, 23 e 24).

Tabela 22. Distribuição dos integrantes dos grupos criminosos armados entrevistados segundo a faixa etária

	<i>f</i>	%
Menos de 18 anos	5	12,5
De 18 a 20 anos	8	20,0
De 21 a 24 anos	8	20,0
De 25 a 34 anos	15	37,5
35 anos ou mais	4	10,0
Total	40	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 23. Distribuição dos integrantes do tráfico entrevistados segundo a faixa etária

	<i>f</i>	%
Menos de 18 anos	5	16,7
De 18 a 20 anos	7	23,3
De 21 a 24 anos	7	23,3
De 25 a 34 anos	8	26,7
35 anos ou mais	3	10,0
Total	30	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 24. Distribuição dos integrantes da milícia entrevistados segundo a faixa etária

	<i>f</i>	%
De 18 a 20 anos	1	10,0
De 21 a 24 anos	1	10,0
De 25 a 34 anos	7	70,0
35 anos ou mais	1	10,0
Total	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

6.3.1.3.

Perfil dos policiais do 22º Batalhão entrevistados

Como já foi sinalizado, tive acesso a policiais de todas as patentes da corporação militar. Naturalmente, tendo em vista a sua composição, quanto maior a patente, menor o número de integrantes. Assim, a grande parte (quase 90%) dos entrevistados são praças – patente entre soldado e subtenente. Tive, todavia, um acesso privilegiado aos oficiais e, assim, a chance de entrevistar, de forma mais profunda, o Comandante, além de outros policiais. (Tabela 25)

Tabela 25. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a patente

	<i>f</i>	%
Major / Tenente-Coronel	3	4,5
Tenente / Capitão	4	6,0
Sargento / Subtenente	32	47,8
Soldado / Cabo	28	41,8
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

De modo geral, o 22º Batalhão é formado por homens; negros (pretos ou pardos); adultos; de média para alta escolaridade e moradores da periferia carioca ou de cidades da Baixada Fluminense. Este é o perfil geral do policial que trabalha na Maré.

De fato, todos os policiais entrevistados eram do sexo masculino, o que reflete a realidade da unidade. Encontrei apenas uma mulher no Batalhão, após ter terminado o número de entrevistas estabelecido.

Em termos de faixa etária, todos os entrevistados tinham, no mínimo, 26 anos, o que reflete a realidade de uma unidade formada, basicamente, por adultos jovens ou maduros – um quadro oposto ao registrado nos grupos vinculados às facções e um pouco mais próximo da realidade da milícia. (Tabela 26)

Tabela 26. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a faixa etária

	<i>f</i>	%
26 a 35 anos	31	46,3
36 a 45 anos	22	32,8
Mais de 45 anos	14	2,50
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No caso da escolaridade, a distância entre os policiais e os integrantes dos GCAs entrevistados se torna ainda mais expressiva: mais de 90% dos primeiros têm, pelo menos, ensino médio, a maior escolaridade dos segundos, sendo que ela é possuída por apenas 10% dos empregados nas facções do tráfico e 20% dos integrantes da milícia. (Tabela 27)

Tabela 27. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a escolaridade declarada

	<i>f</i>	%
Ensino Fundamental	5	7,5
Ensino Médio	46	68,7
Nível Superior	15	22,4
Pós-Graduação	1	1,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Não há apenas diferenças entre os perfis dos dois grupos em questão; no caso de cor/raça, evidencia-se uma proximidade muito concreta: embora seja maior o número de policiais que se declaram como brancos (cerca de 30%), mais de 2/3 se declaram negros (pretos ou pardos), proporção semelhante à dos integrantes das facções e pouco abaixo à do grupo de milicianos. (Tabela 28)

Tabela 28. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a cor/raça declarada

	<i>f</i>	%
Branca	20	29,9
Parda	31	46,3
Preta	16	23,9
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

O mesmo ocorre em relação aos espaços de moradia. Embora não declare residir em favelas, a grande maioria dos policiais reside em bairros da periferia ou na Baixada Fluminense, áreas de menor valor imobiliário no Grande Rio. Nenhum declarou morar nas áreas de maior valor imobiliário da cidade, mesmo entre os oficiais, o que pode refletir limites econômicos, mas também a identidade com áreas de moradia dos grupos familiares, portanto, de origem geográfica. Nesse caso, é possível considerar que os policiais, especialmente os praças, fazem parte do mesmo grupo social dos moradores das favelas e dos integrantes dos GCAs. O seu perfil socioeconômico mais alto reflete as diferenças existentes na realidade da periferia carioca, dentre outras. (Tabela 29)

Tabela 29. Distribuição dos policiais entrevistados segundo o local de moradia declarado

	<i>f</i>	%
Baixada Fluminense	28	41,8
Zona Oeste	17	25,4
Zona da Leopoldina	15	22,4
Zona Norte	4	6,0
Norte-Fluminense	1	1,5
Não respondeu	2	3,0
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No que diz respeito a aspectos específicos da vida policial, os integrantes do Batalhão que foram entrevistados entraram, em sua maioria, jovens na corporação – com menos de 25 anos. (Tabela 30)

Tabela 30. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a idade que tinham ao ingressar na corporação

	<i>f</i>	%
Entre 18 e 24 anos	39	58,2
25 anos ou mais	28	41,8
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A maior parte já tem mais de dez anos de atuação policial, sendo que 1/3 já está há mais de vinte anos. O dado revela que, apesar do alto grau de risco e de estresse da atividade, a profissão de policial tem um grau de estabilidade alto. (Tabela 31)

Tabela 31. Distribuição dos policiais entrevistados segundo o tempo em que trabalham na corporação

	<i>f</i>	%
Até 10 anos	29	43,3
De 11 a 20 anos	15	22,4
Mais de 20 anos	23	34,3
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Uma das principais proposições para a melhoria do trabalho policial é a de que se garanta uma remuneração condizente com sua importância e os riscos a ela inerentes. De fato, essa bandeira é fundamental e urgente. Afinal, menos de 5% dos policiais entrevistados, justamente os de mais alta patente, ganham próximo ou mais de dez salários mínimos mensais.²¹³ No outro extremo, quase 3/5 do contingente declararam receber entre pouco mais de dois e pouco mais de quatro salários mínimos. (Tabela 32)

²¹³ O salário mínimo brasileiro em 2009 é de R\$ 465,00.

Tabela 32. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a faixa salarial declarada

	<i>f</i>	%
De R\$ 959,00 a R\$ 1.300,00	19	28,4
De R\$ 1.300,01 a R\$ 1.800,00	19	28,4
De R\$ 1.800,01 a R\$ 2.500,00	13	19,4
De R\$ 2.500,01 a R\$ 3.500,00	19	13,4
De R\$ 3.500,01 a R\$ 4.500,00	3	4,5
Acima de R\$ 4.500,00	3	4,5
Não respondeu	1	1,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

O fato ajuda a entender porque a maior parte dos policiais, mais de 70%, declarou ter outro emprego, em geral na área de segurança privada – justamente o setor de trabalho onde ocorre a maior parte das mortes dos integrantes das polícias do Rio de Janeiro. (Tabela 33)

Tabela 33. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a declaração de exercício de outra atividade além da policial

	<i>f</i>	%
Sim	48	71,6
Não	18	26,9
Não respondeu	1	1,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Por fim, em termos de perfil do policial entrevistado, a maior parte, como era esperado, trabalha em atividade fim: a maior parte do contingente está voltado para atividades externas, enquanto menos de 10% atuam em funções administrativas. Cabe salientar que os dados desta variável não refletem, necessariamente, a estrutura funcional do Batalhão, visto que privilegiamos os policiais que atuavam nas ruas. De qualquer forma, há um discurso recorrente do atual governo no sentido de colocar os policiais em atividades fins, determinação que, pelas minhas observações de campo sobre o cotidiano do Batalhão, parece estar sendo seguida. (Tabela 34)

Tabela 34. Distribuição dos policiais entrevistados segundo a função exercida no Batalhão

	<i>f</i>	%
Patrulhamento	15	22,4
Cerco Maré	13	19,4
Operacional/Logística	11	16,4
Posto de Policiamento	9	13,4
Comando	8	11,9
Administrativo	5	7,5
Polícia de Trânsito	3	4,5
Não Sabe/Não respondeu	3	4,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

6.3.1.4 Sobre a percepção da Maré

As questões relativas à percepção sobre a Maré foram consideradas na pesquisa junto aos três segmentos entrevistados. O pressuposto que norteou a proposição dessas questões é o de que a forma de perceber o espaço favelado contribui para a definição de formas específicas de nele viver e/ou trabalhar. Logo, a compreensão sobre como os residentes na Maré, incluídos os integrantes dos GCAs, concebem o lugar onde vivem; ou, no caso dos policiais que atuam na região, a maneira como percebem o local de trabalho, auxilia na melhor interpretação sobre as referências gerais que sustentam o olhar e as práticas desses sujeitos em relação aos espaços da cidade, em particular as favelas, e seus moradores. A análise sobre o que há de próximo e de distante entre as percepções descritas, por sua vez, visibiliza, em certa medida, as influências das inserções territoriais e/ou profissionais nas representações dos sujeitos. Para os fins do presente estudo, cabe levar em conta, sobremaneira, a percepção da favela afirmada pelos policiais; busquei, sobretudo, identificar sua proximidade ou distância com a visão estigmatizadora e sociocêntrica do espaço favelado hegemônica na cidade – e que tem pautado grande parte das políticas públicas aplicadas nessa região da cidade.

A primeira questão vinculada diretamente à percepção da Maré versou sobre a satisfação dos entrevistados, exceto o policial, em morar na Maré.

Do total de moradores entrevistados²¹⁴, 76,1% disseram gostar de viver na Maré; 23,5% declararam não gostar da favela onde residem e 0,4% não manifestaram opinião. (Tabela 35)

²¹⁴ Como já foi assinalado, os integrantes dos grupos criminosos armados também residem na Maré; mas, para os fins da pesquisa, o termo *moradores* é utilizado apenas em relação ao universo

Tabela 35. Respostas dos moradores ao quesito*Você gosta de morar na Maré?*

	<i>f</i>	<i>%</i>
Sim	391	76,1
Não	121	23,5
Não sabe / Não respondeu	2	0,4
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Considerando, por um lado, a representação usual da favela como “Faixa de Gaza”, como local dominado pela “precariedade, violência” etc, o fato de 3/4 dos moradores declararem gostar de ali morar é surpreendentemente positiva. Por outro lado, não é possível ignorar o fato de quase 1/4 dos moradores declararam não gostar de viver na Maré. Significa que eles moram ali por outras razões que não a identidade com o local ou por opção. Eles não conseguem, desse modo, exercer o fundamental direito de viver de forma adequada dentro de suas condições econômicas e sociais objetivas. Cabe salientar a significativa diferença nos resultados entre as áreas pesquisadas: enquanto mais de 80% dos moradores entrevistados da Área 1 (Nova Holanda e adjacências) e da Área 3 (Vila do João e adjacências) se declaram satisfeitos, nas áreas 2 (Morro do Timbau e adjacências) e 4 (Praia de Ramos e Roquete Pinto), a parcela de satisfeitos fica bem próximo de 70%. Nesse caso, observa-se que há um maior percentual de entrevistados satisfeitos nas áreas menos conflagradas, uma delas, inclusive, a ocupada pela milícia. (Tabela 36)

de 514 entrevistados sem vínculos com os grupos criminosos. Vale considerar que os integrantes das facções dos traficantes também usam o termo *morador* ao falarem dos residentes nas comunidades, em oposição ao termo *tráfico*, que designaria os integrantes das facções.

Tabela 36. Respostas dos moradores ao quesito*Você gosta de morar na Maré?***Por área de coleta, em percentuais**

Área	Sim	Não	Não sabe/ Não respondeu	Total
1	69,3	29,9	0,8	100,0
2	80,9	19,1	-	100,0
3	71,0	28,3	0,7	100,0
4	88,9	11,1	-	100,0
Total	76,1	23,5	0,4	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

O dado é mais expressivo se levarmos em conta que, em termos de indicadores sociais, econômicos e acesso a equipamentos e serviços urbanos as duas favelas da Área 4 estão em situação inferior a quase todas as outras da Maré. Esses dados, portanto, reforçam a possibilidade de que, no período presente, o grau de violência seja a variável fundamental na qualidade de vida cotidiana do morador da favela da Maré e, provavelmente, nas outras que vivem situações de conflitos.

No caso dos integrantes dos GCAs, eles foram quase unânimes ao responder a mesma questão: todos os entrevistados identificados como milicianos afirmaram que gostam de morar na região e 90% dos traficantes também declararam essa opção (Tabela 37).

Vale lembrar que um dos principais elementos de suporte discursivo dos milicianos sobre a forma de sua ação na favela é o compromisso com a “defesa” contra os grupos de traficantes de drogas. Logo, considerando que eles moram faz muitos anos nessas localidades – Praia de Ramos ou Roquete Pinto –, é coerente o sentimento de identidade com elas. Os integrantes do grupo de traficantes, por de outra forma, também afirmam o discurso de preocupação e defesa da “comunidade”, embora essa proposição tenha perdido peso nos últimos anos em função do fortalecimento do sentimento de *pertencimento* à facção. De qualquer maneira, a vinculação dos integrantes dos GCAs com o território pode ser um fator importante para a construção de políticas centradas na melhoria das condições gerais de vida na favela, inclusive no campo da valorização da vida e

da segurança dos moradores. Discuto melhor essa proposição no capítulo conclusivo da tese.

Tabela 37. Respostas dos integrantes do tráfico e da milícia ao quesito

Você gosta de morar na Maré?

	Sim		Não		Total	
	□	%	f	%	f	%
Traficantes	27	90,0	3	10,0	30	100,0
Milicianos	10	100,0	-	-	10	100,0
Total	37	92,5	3	7,5	40	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A primeira questão elaborada junto aos policiais em termos de percepção da Maré dizia respeito à satisfação ou não de trabalharem no 22º Batalhão Maré. Diferentemente do que poderia considerar-se, em termos de senso comum, 74,6% dos profissionais entrevistados afirmaram gostar de trabalhar na Maré. (Tabela 38)

Tabela 38. Respostas dos policiais ao quesito

Você gosta de trabalhar na Maré?

	f	%
Sim	50	74,6
Não	16	23,9
Não Sabe/Não respondeu	1	1,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A maior parte dos que disseram gostar de trabalhar na Maré selecionou como razões o bom ambiente de trabalho – 88% – e o fato de se sentirem útil à população local – 32%. (Tabela 39)

Tabela 39. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito
Por quê? – para aqueles que responderam gostar de trabalhar na Maré.

	<i>f</i>	% ⁽¹⁾
Ambiente no Batalhão é bom	44	88,0
Se sente útil para a população local	16	32,0
Local acessível	8	16,0
Se sente respeitado e reconhecido pela população local	5	10,0
Outra	5	10,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 50 policiais que responderam gostar de trabalhar na Maré.

Entre os que apontaram não gostar de trabalhar na Maré, o fato do Batalhão estar localizado numa região considerada de alto risco foi a resposta mais relevante, sendo assinalada por pouco mais de 2/3 dos entrevistados. A situação objetiva de preservação da vida – em tese, colocada mais em risco nas áreas dominadas pelas facções criminosas do que em outras – explica a prevalência dessa resposta. O segundo fator mais apontado nesse grupo foi a de que o ambiente de trabalho no Batalhão não seria agradável: mais de 1/3 dos que declaram não gostar de trabalhar na Maré assinalaram esse item. Por fim, 1/4 deles não estaria satisfeito em trabalhar no território local por não se sentir respeitado pela população. O baixo quantitativo dos que não gostam de trabalhar na Maré chama a atenção. Ele pode significar que o grau de antagonização dos policiais em relação à população local é bem menor do que as suas práticas cotidianas na Maré expressam. (Tabela 40)

Tabela 40. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito
Por quê? – para aqueles que responderam não gostar de trabalhar na Maré.

Respostas estimuladas	<i>f</i>	% ⁽¹⁾
É uma área de risco	11	68,8
Ambiente de trabalho não é agradável	6	37,5
Não se sente respeitado ou reconhecido pela população local	4	25,0
Difícil acesso	1	6,3

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 16 policiais que responderam não gostar de trabalhar na Maré.

No tocante à identificação do local onde reside, ficou patente que, apesar da Maré ter sido galgada ao status de bairro pela Prefeitura do Rio faz 13 anos, os moradores entrevistados não a classificam dessa forma. Com efeito, mais de $\frac{3}{4}$ dos residentes da Maré a identificam como favela e somente 20,6% a nomeiam como bairro. Mais do que isso, a maioria continua tendo como referência central de moradia a localidade específica e não a Maré como território mais significativo. Os dados também revelam, por sua vez, que os entrevistados mais jovens reconhecem mais o termo geral do que o termo alusivo à localidade específica. Desse modo, é possível considerar que o processo de reconhecimento do termo Maré e a menor ênfase na localidade tende a ser incorporado de forma progressiva pela população local. (Tabela 41)

Tabela 41. Respostas dos moradores ao quesito

O lugar onde você mora é favela?

	<i>f</i>	<i>%</i>
Sim, é favela	405	78,8
Não é favela	106	20,6
Não sabe/Não respondeu	3	0,6
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A resposta a essa questão por parte dos grupos criminosos varia um pouco. Nos grupos de traficantes, 73,3% afirmaram ser a Maré uma favela. Já no segmento miliciano, 60% foi o percentual que também a identifica desse modo. Dessa forma, 26,7% dos traficantes e 40% dos milicianos disseram não ser a Maré uma favela. (Tabela 42)

Tabela 42. Respostas dos integrantes do tráfico e da milícia ao quesito

O lugar onde você mora é favela?

	Sim, é favela		Não é favela		Total	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Traficantes	22	73,3	8	26,7	30	100,0
Milicianos	6	60,0	4	40,0	10	100,0
Total	28	70,0	12	30,0	40	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Essa diferença algo expressiva na identificação denota uma forma diferenciada de compreensão do território da Maré – em especial no que concerne aos milicianos – que pode decorrer das formas sociais de inserção desses sujeitos e não da ordenação habitacional. Afinal, as localidades da Maré dominadas, por exemplo, pela facção Amigos Dos Amigos (atualmente disputada pelo TC) são conjuntos habitacionais; em função disso, nunca foram consideradas como favelas pelo IBGE. Seria natural, então, se os moradores dessas áreas, dentre os quais os integrantes da facção criminosa local, tivessem um juízo diferenciado sobre aqueles territórios específicos, o que não se aplicaria às localidades Roquete Pinto e Praia de Ramos, justamente as áreas dominadas pela milícia.

Uma hipótese possível seria que o termo favela está associado a um conjunto de elementos estigmatizantes, em particular a idéia de “desordem e criminalidade”. Assim, a negação do termo favela para suas localidades representaria o repúdio a essa noção. Nesse caso, a maior identidade com a noção hegemônica de favela geraria uma maior negação do termo em relação à sua localidade.

Sobre os aspectos positivos e negativos de se morar na Maré, os entrevistados citaram vários pontos que consideram relevantes a partir da experiência cotidiana.²¹⁵ Como ilustrado na tabela a seguir, o aspecto mais positivo de se morar na Maré, segundo 35,4% dos moradores entrevistados, é a abundância de oferta de comércio e serviços oferecidos na região. Seguindo essa posição, a localização da Maré e, por corolário, a facilidade de locomoção aparece como segundo item mais assinalado, a saber, por 22,2%. Um terceiro item positivo - apontado por 21,4%, dos moradores alcançados - foram os baixos custos com moradia e tarifas em relação a outras áreas da cidade²¹⁶. Outras questões positivas levantadas dizem respeito às relações pessoais e de colaboração comumente estabelecidas nas favelas, o que inclui amigos e familiares; o quantitativo de instituições públicas existentes, como escolas, postos de saúde e de lazer; a existência de muitas igrejas e organizações não-governamentais; a sensação de segurança, tranquilidade e satisfação de residir num local onde não será roubado, em princípio; oportunidades de trabalho; diversidade cultural, devido ao fato de morarem pessoas oriundas de várias partes do Brasil; a boa infra-estrutura urbana

²¹⁵ Como os entrevistados assinalaram, em geral, mais de uma opção, a soma dos percentuais supera os 100%.

²¹⁶ No caso das tarifas e taxas, trata-se de despesas como energia, água, IPTU etc. Como já foi descrito, a água, em geral, não é cobrada pela concessionária; o IPTU, comumente, não é pago e, no caso da energia, um número significativo de pessoas fica inadimplente ou usa ligações irregulares, os “gatos”.

local (redes de água potável, esgoto sanitário, pluvial e eletricidade); e, por fim, o sentimento de identidade e pertencimento à favela, espaço na qual viveram boa parte da vida. Por sua vez, 11% dos moradores declararam não haver aspecto positivo de se morar na Maré. (Tabela 43)

Tabela 43. Respostas (espontâneas) dos moradores ao quesito
Qual é o aspecto mais positivo de morar na Maré?

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	%
Proximidade de Comércio e Serviços	182	35,4
Localização na cidade/ Facilidade de locomoção	114	22,2
Custo de moradia baixo (tarifas e impostos)	110	21,4
As relações pessoais	50	9,7
Existência de escolas e/ou unidades de saúde	35	6,8
Sensação de segurança/ tranquilidade/ satisfação	31	6,0
Lazer	14	2,7
Existência de oportunidades de trabalho	8	1,6
Presença de familiares	8	1,6
Existência de igrejas	4	0,8
Existência de ONGs/ projetos sociais	4	0,8
Boa infra-estrutura	1	0,2
Diversidade de pessoas/ cultura do lugar	1	0,2
Lembranças do passado	1	0,2
Não há/ Quase não há aspecto positivo	57	11,1
Não sabe/Não respondeu	32	6,2

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas.

O fato demanda reflexão, pois indica que o sentimento de insatisfação de um em cada dez residentes na favela é tão grande que eles não conseguem visualizar nada positivo; essa insatisfação pode ser provocada por problemas objetivos do território e/ou pela incorporação profunda das representações hegemônicas na cidade que apresentam a Maré como um espaço dominado por precariedades e problemas.

No tocante aos aspectos positivos de se morar na Maré, os traficantes, e também os milicianos, apontaram como mais relevante as relações pessoais, 47% e 50% respectivamente. Considerando que 23% dos traficantes também destacaram as relações familiares e de amizade como um aspecto positivo da vida na Maré, chega a 70% o percentual daqueles que entendem ser os vínculos afetivos o principal fator de identidade com a favela. Esses ainda apontaram como

positivo a localização da Maré; o lazer existente na região; a segurança e o comércio local. Já a maior parte dos milicianos pontuou o ambiente e o lazer como itens importantes; além disso, nenhum deles considerou que não haveria pontos positivos, enquanto 7% dos traficantes citaram o item. O fato corrobora a percepção e relação diferenciadas do miliciano com a sua localidade de referência. (Tabelas 44 e 45)

Tabela 44. Respostas (espontâneas) dos integrantes do tráfico ao quesito

Qual é o aspecto mais positivo de morar na Maré?

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	%
As relações pessoais /amigos	18	60,0
As relações com a família	7	23,3
Localização	3	10,0
Lazer	2	6,7
Não há aspecto positivo	2	6,7
A segurança	1	3,3
O comércio	1	3,3

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas.

Tabela 45. Respostas (espontâneas) dos integrantes da milícia ao quesito

Qual é o aspecto mais positivo de morar na Maré?

Respostas ⁽¹⁾	f	%
As relações pessoais	5	50,0
O ambiente	3	30,0
Lazer	2	20,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora.

Indagados sobre o que considerariam positivo na Maré para os moradores que ali residem²¹⁷, quase 72% dos policiais apontaram como relevante a facilidade de transporte para qualquer parte da cidade; seguido do fato da favela ser próxima

²¹⁷ Optei nas questões sobre a percepção dos pontos positivos e negativos da Maré por uma estratégia diferenciada de pergunta em relação aos segmentos: ela foi estimulada para os policiais e aberta para os outros segmentos. Fiz isso por considerar que o fato de não morarem na favela poderia dificultar o posicionamento dos profissionais da polícia. A opção gerou pelo menos uma discrepância importante nas respostas, no que concerne aos aspectos negativos, como considero ao tratar do item.

do centro da cidade – 67%. Além desses dois pontos, eles destacaram ainda o fato da população não pagar impostos – 29,9% – e de ter acesso a serviços sociais - 11,9%. Para um grupo muito restrito, somente 3%, não haveria aspecto positivo na Maré, percentual bem menor do que o dos moradores que assim pensam. (Tabela 46)

Tabela 46. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito

Indique quais aspectos você acredita serem positivos para os residentes na Maré?

Respostas ⁽¹⁾	f	%
A facilidade de transporte para qualquer lugar da cidade	48	71,6
Ser um lugar próximo do Centro e Zona Sul	45	67,2
Não pagar impostos devidamente	20	29,9
Ter acesso a serviços sociais	8	11,9
A segurança de não ser assaltado ou a ter casa roubada	2	3,0
A boa oferta de infra-estruturar: água, energia, asfalto, esgoto	1	1,5
A solidariedade/amizade nas relações	1	1,5
Outro	2	3,0
Não há aspecto positivo	2	3,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora.

No caso dos aspectos negativos de se morar na Maré, um percentual significativo dos moradores – 45% – apontou a violência como o fator mais negativo. Vinculada à questão da violência, 30,5% apontaram outros itens, tais como confrontos; tiroteios; o tráfico de drogas; a existência de criminosos; o medo e a insegurança de levar tiros, a criminalidade, a violência policial e a ausência do poder público legal como os fatores mais prejudiciais à vida na Maré. O registro de outros pontos foi residual, tais como as dificuldades de relacionamentos pessoais; a carência de infra-estrutura em algumas regiões da Maré; o preconceito e a discriminação de se morar numa favela; a desordem, a pobreza, a poluição; a inexistência de projetos sociais para idosos, a dificuldade de circular entre as favelas e o alto custo de vida. Vale salientar que para 11,5% dos moradores não há aspecto negativo de se morar na Maré. Resumindo, como já assinaléi anteriormente, as situações de violência são percebidas como o problema fundamental da favela e define a maior parte dos sentimentos e percepções cotidianas dos moradores. (Tabela 47)

Em relação aos pontos negativos, metade do grupo dos traficantes apontou a ação da polícia como o fator mais relevante. Depois desse dado óbvio, aparece a pouca oferta de atividades de lazer e, de forma residual, outros itens: a discriminação; a proximidade de grupos rivais; a carência de serviços públicos; a desigualdade e o descaso das autoridades. Do mesmo modo que entre os moradores, merece destaque o fato de 10% dos integrantes das facções não assinalarem aspecto negativo de se morar na Maré. Do mesmo modo, não deixa de ser irônico o fato de dois entrevistados revelarem senso crítico a ponto de afirmar que o tráfico de drogas é bem negativo. O sentimento, na verdade, é mais profundo e difuso entre os jovens integrantes das facções. Muitos deles afirmam estar no crime por não conseguir sair, mas assumem uma posição crítica tanto em relação à venda das drogas, especialmente o crack, como às situações de violência profunda na qual vivem e que afetam suas famílias. (Tabela 48)

**Tabela 47. Respostas (espontâneas) dos moradores ao quesito
*Qual é o aspecto mais negativo de morar na Maré?***

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	%
Violência	231	44,9
Confrontos e tiroteios	58	11,3
Drogas / Tráfico	37	7,2
Existência de criminosos	23	4,5
Comportamento de moradores/ Relações pessoais	18	3,5
Medo/ Insegurança de ser atingido por tiro	15	2,9
Carência de infra-estruturar e de serviços	13	2,5
Criminalidade	8	1,6
Carência de unidades de saúde	7	1,4
Violência policial	7	1,4
Sofrer preconceito/ discriminação	6	1,2
Ausência do poder público/ legal	5	1,0
Carência de escolas	5	1,0
Falta de lazer	5	1,0
Desordem	4	0,8
Poluição	4	0,8
Pobreza	2	0,4
Carência de projetos para idosos	1	0,2
Custo de vida	1	0,2
Localização na cidade/ Dificuldade de locomoção	1	0,2
Tudo / Quase tudo é ruim	14	2,7
Não há aspecto negativo	59	11,5
Não sabe/Não respondeu	30	5,8

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas.

Tabela 48. Respostas (espontâneas) dos integrantes do tráfico ao quesito*Qual é o aspecto mais negativo de morar na Maré?*

Respostas ⁽¹⁾	f	%
A ação da polícia	15	50,0
Pouco lazer/ Falta de lazer	4	13,3
Discriminação	2	6,7
Tráfico de drogas	2	6,7
A proximidade de rivais	1	3,3
Carência de serviços públicos	1	3,3
O descaso das autoridades	1	3,3
A desigualdade	1	3,3
Não há aspecto negativo	3	10,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora.

Os milicianos foram bem sucintos ao afirmar que a falta ou as reduzidas opções de lazer e de serviços públicos são os pontos mais negativos de residir na Maré. Não aparece entre eles, por razões também evidentes, a alusão às forças policiais. Uma proporção significativa, cerca de 1/3, declarou não ver aspecto negativo de se morar na Maré, posição que reforça as hipóteses já mencionadas. (Tabela 49)

Tabela 49. Respostas (espontâneas) dos integrantes da milícia ao quesito*Qual é o aspecto mais negativo de morar na Maré?*

Respostas ⁽¹⁾	f	%
Pouco lazer/ Falta de lazer	5	50,0
Não há aspecto negativo	3	30,0
Carência de serviços públicos	2	20,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora.

No caso dos policiais, 55% destacaram como o aspecto mais negativo da vida cotidiana dos moradores da Maré os conflitos entre a polícia e as facções. Chama atenção o fato do mesmo percentual destacar a limitação de circulação entre as comunidades como um sério problema local – o mesmo item é simplesmente desconsiderado pelos outros segmentos. Creio que apesar do item aparecer para os policiais numa relação possível de respostas, sua inexistência entre os outros segmentos revela um grau de naturalização da restrição do direito de ir e vir – que de fato é assumido por diferentes grupos da Maré, em especial os

moradores mais jovens - bastante significativo e necessário ser mais estudado. Os policiais também destacaram como graves problemas a presença de armas, seja das facções ou das milícias - 35,8%; uma parcela significativa de 22% é leniente com a milícia, entendendo que ela não é um dado negativo na favela. Por fim, alguns policiais também destacaram a precariedade da oferta de serviços urbanos e a poluição como graves problemas locais. (Tabela 50)

Tabela 50. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito

Indique quais aspectos você acredita serem positivos para os residentes na Maré?

	<i>f</i> ⁽¹⁾	%
Os conflitos entre a polícia e as facções	37	55,2
As limitações de circulação entre as comunidades	37	55,2
A circulação de armas entre integrantes das facções e da milícia	24	35,8
A presença de facções criminosas, inclusive a milícia	17	25,4
A presença de facções criminosas, com exceção da milícia	15	22,4
A sujeira e o lixo nas ruas	13	19,4
A precariedade do saneamento básico	10	14,9
A Poluição	9	13,4
Outro	3	4,5

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Respostas múltiplas.

Concluindo esse item, era importante para os objetivos da pesquisa a identificação sobre como os policiais militares identificavam a população que reside nas favelas da Maré. Foi relevante perceber que a imensa maioria repudia juízos presentes no senso comum, tais como a convivência dos moradores com crimes e/ou criminosos. Não é desprezível o fato de cerca de 80% dos policiais assinalarem que a população da Maré é mais vítima do que responsável pela situação de violência presente na comunidade. Por outro lado, é muito expressivo o fato de 70,1% dos policiais considerarem que os moradores locais não valorizam nem reconhecem o trabalho do policial. Essa variável me parece ser um elemento central a ser trabalhado para melhorar a relação entre os dois segmentos. A ruptura do sentimento de desconfiança e a criação de estratégias de aproximação entre a polícia e os moradores são iniciativas centrais para a construção de uma política de segurança cidadã nas favelas. (Tabela 51)

Tabela 51. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito
Como você identifica, em geral, os moradores da Maré

	Sim		Não		Não sabe / Não resp.	
	f	%	f	%	f	%
Refêns dos grupos criminosos ou da milícia	58	86,6	9	13,4	-	-
Pessoas que não têm, em geral, seus direitos respeitados	56	83,6	10	14,9	1	1,5
Pessoas que lutam para sobreviver dignamente	54	80,6	12	17,9	1	1,5
Uma imensa maioria de trabalhadores e pessoas honradas	53	79,1	14	20,9	-	-
Pessoas que não sabem valorizar e reconhecer o trabalho do policial	47	70,1	19	28,4	1	1,5

Fonte: Dados primários, 2008.

6.3.1.5. Sobre a percepção da violência

A reflexão sobre como os três segmentos participantes da pesquisa entendem e vivenciam a violência no cotidiano é fundamental para a compreensão do contexto no qual ocorrem as práticas de segurança pública na Maré. Para identificar as percepções atinentes a esse aspecto da realidade dos segmentos entrevistados, solicitei que eles se colocassem diante do tema a partir de uma indagação mais genérica – expresso na solicitação de que assinalassem uma definição de violência – até questões mais diretamente vinculadas ao cotidiano – tal como o direito a vida dos empregados no tráfico de drogas. A partir do leque de questões foi possível apreender o que há de comum e de distinto entre os diversos segmentos, do mesmo modo que melhor compreender os elementos simbólicos que condicionam, em grande medida, as formas de apreensão e relação com a violência no cotidiano da Maré.

No que diz respeito à questão que indagava qual definição de violência o entrevistado se identifica, ela foi apresentada a partir de três dimensões: na primeira, valorizei apenas a situação em que uma pessoa ou grupo comete agressão ao corpo, em sua dimensão física; na segunda, valorizei, além do aspecto físico, a agressão psicológica. Sua caracterização foi feita através de práticas de humilhação do indivíduo, maus tratos e/ou constrangimento diversos. Pode ser aqui considerado, de forma geral, o sentimento de desconforto subjetivo provocado por uma postura agressiva do outro. Na terceira afirmação, relacionada à definição de violência, valorizei a falta de direitos básicos que afeta

determinados segmentos da sociedade; a noção, lato senso, de dignidade humana. Essa última definição abarcava como formas de violência, além das dimensões físicas e psicológicas, as desigualdades sociais, econômicas e culturais, bem como o racismo, a intolerância sexual e religiosa, dentre outras práticas similares, às vezes intangíveis do ponto de vista da clarificação e superação.

A definição de violência mais assinalada pelo segmento dos moradores aponta para uma percepção do fenômeno como algo mais abrangente do que a expressa na sua noção primária, centrada na agressão física. No conjunto de 514 entrevistados, 41,4%, ou seja, 213 moradores, afirmaram que violência é quando se fere o direito de uma pessoa ou grupo. Em seguida temos 30,2%, 155 entrevistados, que declararam entender como violência quando alguém sofre uma dor física e/ou psicológica. A primeira opção apresentada, a que associava a noção de violência apenas à dor física, foi assinalada por 139 moradores como sendo a mais adequada, o que corresponde a 27% dos entrevistados. (Tabela 52)

Tabela 52. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito
Com qual das definições de violência você mais se identifica?

	<i>f</i>	<i>%</i>
É quando uma pessoa ou grupo causa dor física em outra pessoa ou grupo	139	27,0
É quando uma pessoa ou grupo causa dor física ou psicológica em outra pessoa ou grupo	155	30,2
É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, os direitos de outra pessoa ou grupo	213	41,4
Não sabe / Não respondeu	7	1,4
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Poderia ser considerado positivo que um maior contingente de moradores assinalasse a definição de violência mais abrangente, pois isso poderia significar uma compreensão mais sofisticada das formas de manifestação do fenômeno. Todavia, um fato me surpreendeu: ao serem provocados a responder que situações consideravam como violação de direitos, uma parcela minoritária apontou itens como o cerceamento do direito de ir e vir; a privação de direitos humanos e de liberdade, inclusive a de expressão; o recebimento de ameaças ou pressão psicológica; o convívio com drogas; a discriminação etc. Porém, mais de 2/3 dos

entrevistados, não conseguiu materializar o que considerava uma violência. (Tabela 53)

Tabela 53. Respostas (espontâneas) dos moradores ao quesito

Qual? – para aqueles que responderam É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, os direitos de outra pessoa ou grupo.

Respostas ⁽¹⁾	f	% ⁽²⁾
Cerceamento do direito de ir e vir	21	9,9
Falta de direitos humanos	19	8,9
Todos os direitos	11	5,2
Direito à liberdade	6	2,8
De não sofrer ameaça/ pressão psicológica	5	2,3
De não conviver com drogas	2	0,9
Direito à liberdade de expressão	2	0,9
De não sofrer discriminação	1	0,5
Não sabe/Não respondeu	146	68,5
Total	213	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Apenas os 213 moradores que responderam *É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, os direitos de outra pessoa ou grupo.*

É possível deduzir, diante desse limite, que muitos moradores da Maré têm noção da natureza da violência que os atingem, sobre sua presença cotidiana e como ela vai muito além da dimensão física. Todavia, essa consciência do caráter ampliado do fenômeno parece estar apenas no plano prático, sem uma percepção, muito menos uma reflexão, racionalizada do fenômeno. Esse limite dificulta a busca de caminhos ordenados, sistemáticos, regulares e abrangentes para a superação das situações de violência que dominam o espaço local, em todas as suas dimensões. Nesse sentido, a construção de uma apreensão teórica do problema que se desdobre na proposição de estratégias de ações coletivas é um desafio central aos grupos que atuam pela superação das múltiplas formas de violência ali dominantes.

Em relação aos policiais entrevistados, 50,7% deles, percentual correspondente a 34 entrevistados, afirmaram a mesma posição majoritária entre os moradores: a noção de violência como algo que fere os direitos de uma pessoa ou grupo. No outro extremo, apenas 7,5%, percentual que corresponde a 5 entrevistados, escolheram a noção restrita à dimensão física. No caso da opção

que apresenta violência quando há dor física e/ou psicológica, 28 entrevistados a consideraram como mais relevante. (Tabela 54)

Tabela 54. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito
Com qual das definições de violência você mais se identifica?

	<i>f</i>	<i>%</i>
É quando uma pessoa ou grupo causa dor física em outra pessoa ou grupo	5	7,5
É quando uma pessoa ou grupo causa dor física ou psicológica em outra pessoa ou grupo	28	41,8
É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, os direitos de outra pessoa ou grupo	34	50,7
Não sabe / Não respondeu	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Ao serem indagados sobre situações que consideram um ato de violência, quase metade dos policiais que responderam a opção mais abrangente citaram o cerceamento ao direito de ir e vir. Essa percepção, que não apareceu, em geral, nas respostas dos moradores, revela a apreensão da Maré como uma totalidade, o que não se verifica entre os moradores entrevistados. Quando a visão de espaço local se restringe à localidade específica na qual se vive, os limites para a circulação terminam por ser naturalizados e, no processo, *invisibilizados*.

Além da restrição do direito de ir e vir, foram apontadas situações como o cerceamento aos direitos humanos, lato senso; à liberdade; as ameaças à integridade física e psicológica; a existência do tráfico de drogas; o preconceito; a ameaça à segurança; e o abuso de autoridade. (Tabela 55)

No que diz respeito à definição afirmada pelos entrevistados dos GCAs, cabem dois tipos de distinções, considerando-se as respostas: entre os seus integrantes e os outros segmentos, por um lado; e entre os traficantes de drogas e os milicianos. Com efeito, a peculiaridade entre a definição de violência assinalada, majoritariamente, por moradores e policiais e pelos participantes dos GCAs é significativa. A primeira opção apontada nos dois grupos foi a mais restrita, na qual a violência se materializa quando uma pessoa ou grupo causa dor física em outra pessoa ou integrantes de um grupo. No caso dos entrevistados envolvidos no tráfico de drogas, 36,7% apontaram essa opção, afirmada por 70% dos integrantes das milícias. No que se refere às outras duas definições de

violência, a dor física e psicológica foi a segunda mais freqüente, respondida por 33,3% dos entrevistados. Nos milicianos, um contingente de 30% declarou entender violência na perspectiva de dor física e psicológica; logo, nenhum deles considerou a definição de violência a partir da agressão aos direitos da pessoa e/ou do grupo. Para os integrantes das facções do tráfico de drogas, 1/3 do segmento afirmou identificar-se com a proposição da violência como agressão aos direitos. (Tabela 56)

Tabela 55. Respostas (espontâneas) dos policiais ao quesito

Qual? – para aqueles que responderam É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, os direitos de outra pessoa ou grupo.

Respostas ⁽¹⁾	f	% ⁽²⁾
Cerceamento ao direito de ir e vir	15	45,5
Cerceamento aos direitos básicos/humanos	6	18,2
Cerceamento à liberdade	3	9,1
Ameaça à integridade física ou psicológica	3	9,1
A existência do tráfico de drogas	1	3,0
Preconceito	1	3,0
Ameaça à segurança	1	3,0
Abuso de autoridade	1	3,0
Não Sabe/Não respondeu	3	6,1
Total	34	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Apenas os 34 policiais que responderam É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, os direitos de outra pessoa ou grupo.

Tabela 56. Respostas (estimuladas) dos integrantes do tráfico e da milícia ao quesito

Com qual das definições de violência você mais se identifica?

	É quando uma pessoa ou grupo causa dor física em outra pessoa ou grupo		É quando uma pessoa ou grupo causa dor física ou psicológica em outra pessoa ou grupo		É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, a dignidade humana de outra pessoa ou grupo		Total	
	□	%	□	%	f	%	f	%
Traficantes	11	36,7	10	33,3	9	30,0	30	100,0
Milicianos	7	70,0	3	30,0	-	-	10	100,0
Total	18	45,0	13	32,5	9	22,5	40	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Assim, eles apresentaram, de forma espontânea, as seguintes situações como violência: a violação da garantia dos direitos humanos; assassinatos; desrespeito aos moradores e tortura. (Tabela 57)

Tabela 57. Respostas (espontâneas) dos integrantes do tráfico ao quesito

Qual? – para aqueles que responderam É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, a dignidade humana de outra pessoa ou grupo.

Respostas ⁽¹⁾	f	% ⁽²⁾
Garantia de direitos humanos	5	55,6
Assassinato	1	11,1
Desrespeitando os moradores	1	11,1
Tortura	1	11,1
Não sabe/ Não respondeu	1	11,1
Total	9	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Apenas os 9 integrantes do tráfico que responderam É quando uma pessoa ou grupo fere, de algum modo, a dignidade humana de outra pessoa ou grupo.

Considero ser possível depreender das escolhas afirmadas que o ambiente de violência é tão característico da vida dos integrantes das organizações criminosas e o horizonte dos direitos é tão restrito que a grande maioria deles não consegue perceber outras possibilidades de práticas violentas para além da dimensão física. Esse limite na compreensão e na realidade vivida pelos integrantes dos GCAs torna mais difícil que eles adotem práticas mais respeitadas, no campo dos direitos humanos, em relação aos inimigos, aos moradores e aos seus próprios companheiros de rede criminosa. A criação de estratégias que auxiliem na superação dessa percepção restrita sobre violência e direitos é importante variável para a melhoria da segurança pública na Maré.²¹⁸

No bloco seguinte do questionário, busquei identificar o entendimento dos segmentos entrevistados sobre como olham o contexto da violência na cidade do Rio de Janeiro e na Maré, observando-se as limitações no direito de circulação dentro e fora do território local. A percepção sobre o grau de violência da cidade

²¹⁸ O tratamento digno aos presos sob responsabilidade do Estado, por exemplo, é uma ação central nesse campo da construção social global de práticas de respeito à dignidade humana. Quando as forças do Estado, dentre outras, violam a dignidade de um ser humano, é muito difícil que ele venha a valorizar a de outras pessoas. Na mesma direção, cabe à polícia desenvolver práticas de enfrentamento ao crime que reconheçam a dignidade da pessoa que, naquele momento, está desenvolvendo uma ação criminosa e reconheçam, por exemplo, o seu direito à vida.

do Rio de Janeiro foi praticamente a mesma entre os três segmentos. Dentre os moradores, 94,4% afirmaram que a cidade é violenta; no caso dos policiais, 97%; para os integrantes das facções envolvidas com o tráfico de drogas, 93,3; e entre os milicianos, 90%. Portanto, a frequência relativa variou pouco entre os grupos, fato que revela uma grande convergência sobre a percepção da violência na cidade, independente do grau de responsabilidade por ela ou de naturalização das práticas atinentes. (Tabela 58)

Tabela 58. Respostas dos moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Você considera a cidade do Rio de Janeiro violenta?

	Sim		Não		Não sabe/ Não respondeu		Total	
	□	%	f	%	f	%	F	%
Moradores	485	94,4	27	5,3	2	0,4	514	100,0
Policiais	65	97,0	2	3,0	-	-	67	100,0
Traficantes	28	93,3	2	6,7	-	-	30	100,0
Milicianos	9	90,0	1	10,0	-	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Como razões assinaladas, houve um leque de práticas coincidentes entre os três segmentos. Foram chamadas de “razões”, por um lado, as manifestações concretas do conceito; nesse caso, os moradores elencaram agressão, brigas, crimes hediondos; tiroteios, confrontos, balas perdidas; falta de segurança, insegurança como expressões práticas da violência. Além disso, como elementos geradores de tais práticas, foram assinalados os seguintes elementos: a natureza das pessoas; a existência de criminosos e de armas; falta de condições dignas de vida, desemprego ou crise econômica; omissão, ausência do poder público; violência e corrupção policial; consumo de drogas etc. (Tabela 59)

Os policiais foram mais genéricos, com quase 40% não identificando razões específicas para a existência da violência no Rio de Janeiro. O grupo que foi mais explícito destacou questões conjunturais, principalmente: a carência de serviços públicos, o desrespeito aos direitos básicos e aos direitos humanos, a falta de emprego; o desrespeito às leis; a percepção desenvolvida na mídia sobre a violência; a existência e expansão das favelas; a força das facções criminosas; o confronto entre policiais e criminosos; crianças e adolescentes infratores em todas

as partes da cidade; falta de capacidade do poder público em controlar a violência, além da impunidade e inadequação da política de segurança (Tabela 60).

Tabela 59. Respostas (espontâneas) dos moradores ao quesito

Por quê? – para aqueles que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	% ⁽³⁾
Muita agressão/ brigas/ crimes hediondos	111	22,9
Há violência em toda parte	98	20,2
Muitos homicídios	56	11,5
Sabe-se através da imprensa	51	10,5
Tiroteios/ Confrontos / Balas perdidas	36	7,4
Falta de segurança/ Insegurança	34	7,0
Devido à natureza das pessoas	33	6,8
Existência de criminosos e armas	29	6,0
Falta de condições dignas de vida/ Desemprego/ Crise Econômica	24	4,9
Omissão/ Ausência do poder público	22	4,5
Violência/ Corrupção policial	20	4,1
Consumo de drogas	10	2,1
Despreparo policial/ Falta de policiamento	6	1,2
A violência aumentou	4	0,8
Existência de muitas favelas	2	0,4
Causa espiritual/ teológica	1	0,2
Há lugares mais violentos	1	0,2
Não sabe/Não respondeu	39	8,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas. (3) Apenas os 485 moradores que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta.

No grupo de traficantes, chama a atenção o fato de eles destacarem razões vinculadas às suas práticas cotidianas ou seus temores fundamentais: frequência de homicídios; excesso de armas, presença do tráfico ou consumo de drogas; falta de emprego ou falta de condições dignas de vida; valorização da violência pela mídia; existência de favelas; medo ou insegurança e negligência do poder público. (Tabela 61)

Tabela 60. Respostas (espontâneas) dos policiais ao quesito*Por quê? – para aqueles que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta.*

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	% ⁽³⁾
A violência é generalizada/diversas formas de violência	24	36,9
Força/Ação das facções criminosas	8	12,3
Não há segurança para circular/viver pela/na cidade	6	9,2
O poder público não controla a violência/Impunidade	6	9,2
Política de Segurança inadequada	6	9,2
Existência/expansão das favelas	4	6,2
Carência de serviços públicos/desrespeito aos direitos básicos/falta de emprego	3	4,6
Exposição na mídia	3	4,6
Confronto entre polícia e criminosos é violento	1	1,5
Desrespeito aos direitos humanos	1	1,5
Desrespeito às leis	1	1,5
É percebido no dia-a-dia	1	1,5
Há menores infratores em todas as partes da cidade	1	1,5

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas. (3) Apenas os 65 policiais que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta.**Tabela 61. Respostas (espontâneas) dos integrantes do tráfico ao quesito***Por quê? – para aqueles que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta.*

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	% ⁽³⁾
Frequência de homicídios	7	25,0
Excesso de armas/ Presença do tráfico/ Consumo de drogas	5	17,9
Falta de emprego/ Falta de condições dignas de vida	5	17,9
A violência é generalizada	3	10,7
É mostrado pela mídia	3	10,7
Existência de favelas	2	7,1
Medo/ Insegurança	1	3,6
Não sabe/ Não respondeu	1	3,6
Negligência do poder público	1	3,6

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas. (3) Apenas os 28 integrantes do tráfico que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta.

Já os milicianos destacaram elementos mais vinculados ao campo do simbólico ou mesmo metafísico, tais como: o papel da mídia; a falta de diálogo ou a natureza das pessoas. Em segundo plano, foram destacados aspectos similares aos citados pelos empregados nas facções do tráfico de drogas, frequência de homicídios;

excesso de armas, presença do tráfico ou consumo de drogas; falta de emprego, falta de condições dignas de vida e negligência do poder público. (Tabela 62)

Tabela 62. Respostas (espontâneas) dos integrantes da milícia ao quesito

Por quê? – para aqueles que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta.

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	% ⁽³⁾
É mostrado pela mídia	2	22,2
Falta de diálogo/ natureza das pessoas	2	22,2
Frequência de homicídios	2	22,2
Excesso de armas/ Presença do tráfico/ Consumo de drogas	1	11,1
Falta de emprego/ Falta de condições dignas de vida	1	11,1
Negligência do poder público	1	11,1

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas. (3) Apenas os 9 integrantes da milícia que responderam Sim, considero a cidade do Rio de Janeiro violenta.

As questões seguintes do roteiro de entrevista versaram sobre a acessibilidade. Interessou-me investigar até que ponto a violência é um fator limitador do direito de ir e vir dos moradores e, também, dos GCAs. Não foram elaboradas questões para os policiais sobre essa temática, uma vez que os mesmos não residem na Maré. Indagados se visitavam ou frequentavam lugares fora da Maré, 85,2% dos moradores afirmaram circular habitualmente em outros espaços. Nos grupos de traficantes e milicianos entrevistados, a proporção de indivíduos que afirma circular em outras localidades recua para 70%, o que significa que quase 1/3 deles não sai das comunidades da Maré dominadas por seu grupo – ou seja, mais que o dobro da proporção de moradores em semelhante condição. (Tabela 63)

Tabela 63. Respostas de moradores, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Você visita ou frequenta outros lugares fora da Maré?

	Sim		Não		Total	
	f	%	□	%	f	%
Moradores	438	85,2	76	14,8	514	100,0
Traficantes	21	70,0	9	30,0	30	100,0
Milicianos	7	70,0	3	30,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Quanto aos locais que costumam circular, as respostas foram bem diversificadas entre os grupos das facções do tráfico e os da milícia. O principal critério no deslocamento dos empregados no tráfico, mais do que a distância, é o domínio da facção: eles declararam, nas entrevistas profundas, frequentar favelas próximas e algumas mais distantes, desde que sua facção seja a dominante no território. Em relação à zona sul, um número significativo de entrevistados declarou não visitar bairros dessa região da cidade. A zona sul é uma referência em termos de acesso a produtos culturais mais sofisticados e caros, além de ter algumas das principais praias cariocas. (Tabela 64)

Tabela 64. Respostas (estimuladas) dos integrantes do tráfico ao quesito

Os lugares que você costuma visitar ou frequentar são... – para aqueles que responderam Sim, costumam visitar ou frequentar outros lugares fora da Maré.

	Sim		Não		Total	
	<i>f</i>	% ⁽¹⁾	□	% ⁽¹⁾	<i>f</i>	% ⁽¹⁾
Favelas ou bairros próximos	17	81,0	4	19,0	21	100,0
Outras favelas da Maré, além da que reside	10	47,6	11	52,4	21	100,0
Centro da cidade	11	52,4	10	47,6	21	100,0
Bairros mais distantes da periferia	9	42,9	12	57,1	21	100,0
Bairros da zona sul	3	14,3	18	85,7	21	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 21 integrantes do tráfico que responderam Sim, costumam visitar ou frequentar outros lugares fora da Maré.

Os milicianos, por seu turno, têm por hábito ir a outras favelas e bairros próximos e ao centro do Rio, além de frequentarem bairros da zona sul. Já em relação à Maré, apenas um integrante desse grupo respondeu circular em outras comunidades locais. A circulação nesses espaços demonstra a possibilidade de um grau ampliado de circulação no território do Rio de Janeiro. (Tabela 65)

Fica evidente a restrição espacial, em variados níveis, dos integrantes dos GCAs.

Tabela 65. Respostas (estimuladas) dos integrantes da milícia ao quesito

Os lugares que você costuma visitar ou frequentar são... - para aqueles que responderam Sim, costumam visitar ou frequentar outros lugares fora da Maré.

	Sim		Não		Total	
	f	% ⁽¹⁾	f	% ⁽¹⁾	f	% ⁽¹⁾
Favelas ou bairros próximos	4	57,1	3	42,9	7	100,0
Outras favelas da Maré, além da que reside	1	14,3	6	85,7	7	100,0
Centro da cidade	4	57,1	3	42,9	7	100,0
Bairros mais distantes da periferia	1	14,3	6	85,7	7	100,0
Bairros da zona sul	7	100,0	-	-	7	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 7 integrantes do tráfico que responderam Sim, costumam visitar ou frequentar outros lugares fora da Maré.

A questão seguinte buscou identificar como os entrevistados, moradores, GCAs e policiais percebem a violência na Maré quando comparada à cidade do Rio de Janeiro como um todo. Através de resposta estimulada, quase 50% dos moradores a consideraram igual; dentre os policiais, 48% também concordaram com a afirmação; no caso dos milicianos, metade deles – 50% - seguiu o mesmo juízo; os empregados do tráfico, por sua vez, foram os que menos concordaram com essa afirmativa, somente 33,3%. Para 32 policiais (47,8%), 68 moradores (13,2%), três traficantes e apenas um miliciano, a violência local é superior à média da cidade. As maiores diferenças de percepção reveladas entre os segmentos de residentes da Maré entrevistados e os policiais ocorreram em relação à afirmativa de que a violência na Maré é menor que a do município: nesse caso, enquanto foram atingidos percentuais de 56,7% entre os traficantes; 40% entre os milicianos e de 30,4% entre os moradores, apenas 4,5% dos policiais concordaram com a assertiva.

Nesse caso, um percentual mínimo de policiais considera a violência menor na Maré e quase a metade a considera maior. O fato de ali ser o seu espaço de trabalho, no qual é obrigado a lidar com situações de violência cotidianamente, talvez influencie esse juízo. Além disso, a representação da Maré como mais violenta do que a maioria da cidade não deixa de ser funcional, pois permite justificar uma série de práticas violentas e dissociadas dos padrões aceitáveis no campo dos direitos humanos e da legalidade. Além disso, como não moram em

favelas, em geral, os policiais tendem a reproduzir o imaginário dominante na cidade que considera a favela o espaço da violência, por excelência.

No caso dos outros três segmentos, a percepção, por parte de uma parcela significativa, de que a favela da Maré é menos violenta do que a maioria da cidade pode ser fruto da naturalização das formas de violência presentes no cotidiano da Maré; elas são incorporadas, no dia a dia, por uma parcela expressiva dos residentes. Representação local que colide com a representação dominante na cidade, difundida especialmente pelos meios de comunicação.²¹⁹ Outra hipótese a ser considerada é o fato de que os espaços de circulação mais comuns na cidade, para os três primeiros segmentos, sejam outras favelas; sendo estas também dominadas por GCAs, os moradores, traficantes e milicianos podem ter esses espaços análogos como principais referências para comparação.

Cabe salientar, todavia, que a proibição de crimes contra o patrimônio na Maré, o monopólio da violência letal pelos GCAs e a forte proibição de estupro, abuso de crianças etc. dá uma sensação profunda de segurança ao residente na Maré, assim como ocorre em outras favelas cariocas dominadas pelas mesmas regras. Desse modo, há, de fato, uma condição objetiva de segurança na Maré que parece superior, nos elementos citados, à média da cidade. (Tabela 66)

Tabela 66. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Você considera que a violência na Maré...

	É igual a que ocorre, em geral, na cidade		É maior do que a que ocorre, em geral, na cidade		É menor do que a que ocorre, em geral, na cidade		Não sabe/ Não resp.		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	□	%	□	%
Moradores	280	54,2	68	13,2	156	30,4	10	1,9	514	100,0
Policiais	32	47,8	32	47,8	3	4,5	-	-	67	100,0
Traficantes	10	33,3	3	10,0	17	56,7	-	-	30	100,0
Milicianos	5	50,0	1	10,0	4	40,0	-	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²¹⁹ A narrativa descrita no preâmbulo do capítulo 2 sobre a naturalização de um assassinato é uma evidência dessa proposição.

Ao segmento policial, foi indagado ainda se eles consideravam a Maré uma favela mais violenta que outras da cidade do Rio de Janeiro. Dos policiais entrevistados, 92,5% afirmaram considerar a Maré tão violenta quanto as outras favelas da cidade. Um percentual de 6,0% declarou ser a Maré mais violenta e, somente 1,5% disseram ser a Maré menos violenta do que o restante das favelas do município. Considerando que na Maré estão estabelecidos quatro grupos criminosos, que frequentemente têm conflitos entre si e/ou com a polícia, fato que gera muitas situações de tensão, a posição dos policiais revela uma visão homogeneizada sobre as favelas cariocas. Aparentemente, o que deve definir o seu juízo é o domínio das favelas por um GCA. Ao valorizar essa dimensão de forma central, aparentemente, os policiais ignoram as relações de sociabilidade; os interditos estabelecidos localmente em relação a determinados tipos de crimes e os estilos de domínio estabelecido por cada grupo criminoso. (Tabela 67)

Tabela 67. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito
Em relação a outras favelas do Rio de Janeiro, a Maré é...

	<i>f</i>	%
Mais violenta que outras favelas da cidade	4	6,0
Tão violenta quanto outras favelas da cidade	62	92,5
Menos violenta que outras favelas da cidade	1	1,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A identificação da percepção da violência e sobre como os grupos de entrevistados se sentem em relação à sensação de segurança quando estão na Maré é importante para compreendermos qual seria a relação de cada segmento com o cotidiano do “bairro”, bem como eles reagem diante das dificuldades enfrentadas em situações explicitamente reconhecidas como violentas. Foram sugeridas quatro situações nas quais os entrevistadores se colocaram: no primeiro item, perguntei se o entrevistado se sentia mais seguro na Maré do que quando circula pelo resto da cidade: a resposta sim foi dada por 67,3% dos moradores; 86,7% dos traficantes e 80% dos milicianos. No outro extremo, apenas 5,3% dos moradores

entrevistados e 6,7% dos traficantes afirmaram o contrário; entre os milicianos, nenhum entrevistado se colocou nesta condição. (Tabelas 68, 71 e 72)

No entanto, no sentido contrário, buscando identificar o grau de insegurança sentido na Maré e no conjunto da cidade, 22,4% dos moradores e 6,7% dos traficantes entrevistados afirmaram se sentir inseguros da mesma forma nos dois espaços. Dentre os milicianos, por sua vez, respondeu se sentir inseguro. (Tabelas 68, 71 e 72)

Tabela 68. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito

Quando você está na Maré se sente...

	<i>f</i>	%
Mais seguro do que quando circula pela cidade	346	67,3
Tão seguro quanto circula pela cidade	15	2,9
Tão inseguro quanto circula pela cidade	115	22,4
Menos seguro do que quando circula pela cidade	27	5,3
Não sabe/Não respondeu	11	2,1
Total	514	100

Fonte: Dados primários, 2008.

As razões apontadas pelos moradores que se sentem tão ou mais seguro na Maré foram em linhas gerais: porque conhecem ou são conhecidos no lugar; porque se protegem em casa; não há roubos ou assaltos onde moram; há lugares mais violentos; não sentem medo ou todos os lugares são seguros. Já os entrevistados que declararam se sentir tão ou mais inseguros registraram os seguintes motivos: não há segurança em lugar algum; em razão da violência ou criminalidade; não há em quem confiar ou falta respeito; não tem liberdade de expressão; e em razão do tráfico de drogas. (Tabelas 69 e 70)

As questões finais do bloco sobre a percepção da violência versaram sobre a relação do entrevistado com a violência. A ênfase foi no sentido de identificar se esses passaram por alguma situação direta de violência; onde elas ocorreram - no caso de resposta positiva; se tinham conhecimento dos tipos de violência que ocorrem na Maré; se sabiam a frequência em que acontecem; se já se envolveram em alguma situação de violência – em caso afirmativo, em qual condição estavam: vítima, autor ou nas duas circunstâncias.

Dos 514 moradores entrevistados, 70,2% declararam não ter vivido uma situação de violência direta nos últimos doze meses. (Tabela 73)

Em relação ao local onde ocorreram as situações de violência vividas, os 130 moradores respondentes se dividiram entre ter sido dentro e fora da Maré, como pode ser visto abaixo. (Tabela 74)

Já entre os traficantes e milicianos, todos os participantes da pesquisa responderam ter passado por alguma das situações de violência elencadas na pergunta estimulada. No que se refere aos policiais, menos da metade – 41,9% – declarou ter se envolvido em algum tipo de violência nos últimos 12 meses. (Tabela 75)

Tabela 69. Respostas (espontâneas) dos moradores ao quesito

Por quê? – para aqueles que responderam que Quando estão na Maré se sentem... Tão seguros como quando circulam pelo resto da cidade ou Mais seguros do que quando circulam pelo resto da cidade

Respostas ⁽¹⁾	<i>f</i> ⁽²⁾	% ⁽³⁾
Porque conhece o lugar/ Porque é conhecido no lugar	228	63,2
Porque se protege em casa	37	10,2
Não há roubos/ assaltos no lugar	27	7,5
Há lugares mais violentos	15	4,2
Não sente medo/ Todos os lugares são seguros	9	2,5
Não há segurança em lugar algum	7	1,9
Em razão da violência/ criminalidade	4	1,1
Em razão do tráfico/ drogas	2	0,6
Sem a polícia é mais seguro	1	0,3
Não sabe/Não respondeu	36	10,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas. (3) Apenas os 361 moradores que responderam *Tão seguro como quando circula pelo resto da cidade* ou *Mais seguro do que quando circula pelo resto da cidade*.

Tabela 70. Respostas (espontâneas) dos moradores ao quesito

Por quê? – para aqueles que responderam que Quando estão na Maré se sentem... Tão inseguros como quando circulam pelo resto da cidade ou Menos seguros do que quando circulam pelo resto da cidade

Respostas ⁽¹⁾	f ⁽²⁾	% ⁽³⁾
Não há segurança em lugar algum	69	48,6
Em razão da violência/ criminalidade	37	26,1
Porque conhece o lugar/ Porque é conhecido no lugar	10	7,0
Não há em quem confiar/ Falta respeito	4	2,8
Porque se protege em casa	3	2,1
Não tem liberdade de expressão	2	1,4
Em razão do tráfico/ drogas	1	0,7
Há lugares mais violentos	1	0,7
Não há roubos/ assaltos no lugar	1	0,7
A violência tem piorado no lugar	1	0,7
Não sabe/Não respondeu	16	11,3

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Respostas múltiplas. (3) Apenas os 142 moradores que responderam Tão inseguro como quando circula pelo resto da cidade ou Menos seguro do que quando circula pelo resto da cidade.

Tabela 71. Respostas (estimuladas) dos integrantes do tráfico ao quesito

Quando você está na Maré se sente...

	<input type="checkbox"/>	%
Mais seguro do que quando circula pela cidade	26	86,7
Menos seguro do que quando circula pela cidade	2	6,7
Tão inseguro quanto circula pela cidade	2	6,7
Total	30	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 72. Respostas (estimuladas) dos integrantes da milícia ao quesito

Quando você está na Maré se sente...

	<input type="checkbox"/>	%
Mais seguro do que quando circula pela cidade	8	80,0
Tão seguro quanto circula pela cidade	2	20,0
Total	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 73. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito

Dentre os tipos de violência abaixo, assinale a(s) que já ocorreu(ram) com você nos últimos 12 meses

Respostas	<i>f</i>	% ⁽¹⁾
Não ocorreu situação alguma de violência	361	70,2
Furto, Roubo ou assalto	57	11,1
Luta corporal em um local público	17	3,3
Agressão física por membro da família	17	3,3
Violência/discriminação por racismo	13	2,5
Outro tipo de violência	26	5,1
Não sabe/Não respondeu	23	4,5
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 74. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito

Em caso afirmativo, a(s) situação(ões) de violência ocorreu(ram) – para aqueles que sofreram algum tipo de violência nos últimos 12 meses

	<i>f</i>	% ⁽¹⁾
Dentro da Maré	62	47,7
Fora da Maré	58	44,6
Dentro e fora da Maré	10	7,7
Total	130	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 130 moradores que responderam Ter ocorrido nos últimos 12 meses algum dos tipos de violência apresentados no quesito anterior.

Tabela 75. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito

Nos últimos 12 meses, você se envolveu em alguma situação dentro da Maré a qual considerou violenta?

	<i>f</i>	%
Não	34	50,7
Sim, muitas vezes	6	9,0
Sim, algumas vezes	20	29,9
Sim, mas raramente	2	3,0
Não sabe/Não respondeu	5	7,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No entanto, quando os policiais foram perguntados se haviam presenciado alguma situação de violência nos últimos doze meses, 50 entrevistados, isto é, 74,6%, responderam que sim. No caso dos integrantes do Batalhão Maré, eles praticamente não se envolvem no cotidiano da favela – exatamente na prática

oposta ao que seria uma polícia comunitária. O seu foco é o combate aos empregados no tráfico de drogas, ignorando outras formas de violências que se fazem presentes no cotidiano da Maré. Superar essa estratégia atual é central na perspectiva de materialização e consolidação de uma polícia efetivamente próxima das necessidades cotidianas dos moradores das favelas.

É curioso notar que, enquanto apenas 2/5 se envolveu em situações de violência, a proporção de policiais que assistiu chega a cerca de 3/4, o que pode denotar que, embora conviva com situações de violência, a maioria não se vê como protagonista para a resolução das mesmas. (Tabelas 76 e 77)

Tabela 76. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito

Nos últimos 12 meses, você assistiu a alguma situação a qual considerou violenta na Maré?

	<i>f</i>	%
Não	17	25,4
Sim, muitas vezes	21	31,3
Sim, algumas vezes	28	41,8
Sim, mas raramente	1	1,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 77. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito

Assinale, dentre os tipos de violência abaixo, a(s) que você presenciou nos últimos 12 meses na Maré – para aqueles que afirmaram Ter assistido nos últimos 12 meses a alguma situação a qual considerou violenta na Maré.

	<i>f</i>	% ⁽¹⁾
Furto, roubo ou assalto	26	52,0
Conflitos entre facções	25	50,0
Circulação com armas de membros de facções ou milícia	22	44,0
Assassinato ou morte violenta	18	36,0
A ação de membros das facções ou milícia contra moradores das comunidades	18	36,0
Luta corporal em local público	9	18,0
Agressão física por membro da família	6	12,0
Violência Sexual	4	8,0
Violência verbal por racismo	4	8,0
Violência por outro tipo de discriminação	3	6,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 50 policiais que responderam Ter assistido nos últimos 12 meses a alguma situação a qual considerou violenta na Maré.

Também busquei identificar, entre os moradores e os integrantes dos GCAs, que tipo de violência eles assistiram acontecer na Maré e com que frequência. Entre os moradores que presenciaram alguma situação de violência (71,1% dos entrevistados), boa parte apontou as brigas entre casais, assim como discussões e agressões em área pública. No entanto, a principal ação violenta observada pelos moradores, dentre as oferecidas como resposta, foi o porte público de armas de fogo pelos membros das facções. Chega a ser curioso, diante da presença cotidiana daquela prática na Maré, em geral, que quase 12% dos moradores não a tenham presenciado. (Tabela 78)

Tabela 78. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito

Para cada uma das formas de violência abaixo, diga se, na Maré, elas acontecem com muita frequência, se acontecem com frequência, raramente ou nunca acontecem.

	Muita frequência	Com frequência	Raramente	Nunca	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	%	f	%
Violência oriunda de brigas entre casais	21,8	20,8	32,5	23,9	1,0	514	100,0
Violência de pais ou responsáveis contra crianças ou adolescentes	12,8	16,5	32,9	36,6	1,2	514	100,0
Brigas e discussões entre pessoas em bares e outros locais públicos	30,0	22,6	24,7	21,4	1,4	514	100,0
A circulação com armas de membros das facções ou milícia durante o dia-a-dia	57,2	12,8	17,1	11,9	1,0	514	100,0
A ação dos membros de facções contra moradores das comunidades	5,8	6,6	26,3	58,9	2,3	514	100,0
A ação da milícia contra facções contra moradores das comunidades	1,6	2,5	8,2	54,3	33,5	514	100,0
Os conflitos das facções quando estão em guerra	27,0	17,1	35,2	18,1	2,5	514	100,0
A ação da polícia nos momentos de conflitos com as facções	21,8	21,2	36,2	18,5	2,3	514	100,0
Outro(s) tipo(s) de violência	1,2	3,1	14,0	16,7	65,0	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A exibição de armas, de acordo com um chefe local do tráfico, é uma estratégia dissuasória: através dela, se busca mostrar aos espiões (os X-9) dos inimigos a força do grupo local. Assim, quanto mais seguro um grupo se sente, menos arma ele exhibirá, provavelmente, levando em conta esse raciocínio. (Tabelas 79 e 80)

Tabela 79. Respostas (estimuladas) dos integrantes do tráfico ao quesito

Para cada uma das formas de violência abaixo, diga se, na Maré, elas acontecem com muita frequência, se acontecem com frequência, raramente ou nunca acontecem.

	Muita frequência	Com frequência	Raramente	Nunca	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	%	f	%
Violência oriunda de brigas entre casais	23,3	46,7	30,0	-	-	30	100,0
Violência de pais ou responsáveis contra crianças ou adolescentes	6,7	33,3	36,7	23,3	-	30	100,0
Brigas e discussões entre pessoas em bares e outros locais públicos	23,3	76,7	-	-	-	30	100,0
A circulação com armas de membros das facções ou milícia durante o dia-a-dia	50,0	46,7	3,3	-	-	30	100,0
A ação dos membros de facções contra moradores das comunidades	3,3	-	30,0	66,7	-	30	100,0
A ação da milícia contra facções contra moradores das comunidades	3,3	-	-	90,0	6,7	30	100,0
Os conflitos das facções quando estão em guerra	13,3	26,7	60,0	-	-	30	100,0
A ação da polícia nos momentos de conflitos com as facções	36,7	40,0	16,7	6,7	-	30	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 80. Respostas (estimuladas) dos integrantes da milícia ao quesito

Para cada uma das formas de violência abaixo, diga se, na Maré, elas acontecem com muita frequência, se acontecem com frequência, raramente ou nunca acontecem.

	Muita frequência	Com frequência	Raramente	Nunca	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	%	□	%
Violência oriunda de brigas entre casais	10,0	10,0	80,0	-	-	10	100,0
Violência de pais ou responsáveis contra crianças ou adolescentes	-	10,0	80,0	10,0	-	10	100,0
Brigas e discussões entre pessoas em bares e outros locais públicos	-	20,0	80,0	-	-	10	100,0
A circulação com armas de membros das facções ou milícia durante o dia-a-dia	10,0	10,0	50,0	30,0	-	10	100,0
A ação dos membros de facções contra moradores das comunidades	-	-	40,0	50,0	10,0	10	100,0
A ação da milícia contra facções contra moradores das comunidades	-	-	30,0	50,0	20,0	10	100,0
Os conflitos das facções quando estão em guerra	-	10,0	30,0	30,0	30,0	10	100,0
A ação da polícia nos momentos de conflitos com as facções	10,0	20,0	40,0	30,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

6.3.1.6. Percepção da atuação da polícia na Maré

No presente bloco de questões, que representa o núcleo do questionário, minha intenção maior foi apreender as percepções do conjunto de entrevistados sobre as estratégias de atuação da polícia na Maré, comparar essa atuação às

práticas dos GCAs e identificar possíveis alternativas a elas que fossem aceitas pelos entrevistados. Na organização do item, optei por apresentar as respostas às questões fora de sua ordem natural; elas foram organizadas por eixos específicos, nos quais apresento as percepções e aprovação das práticas e estratégias da polícia e dos GCAs, inicialmente, até percepções e proposições mais gerais.

No que diz respeito à atuação da polícia na Maré, de forma global, é possível afirmar que os milicianos podem ser considerados “mais realistas do que o rei”. Com efeito, eles tendem a aprovar mais a estratégia de ação das forças policiais em percentuais acima do que afirmado pelos próprios integrantes da polícia. O fato se revela, por exemplo, diante da afirmativa que os policiais que atuam na Maré, em geral, usam mais força do que é necessário. Apenas um miliciano concordou plenamente com a afirmação, enquanto tal posição foi compartilhada por 14,9% dos policiais. Entre os moradores entrevistados, 60,1% concordaram com a assertiva, para apenas 12,8% que a repudiaram, e, como era esperado, entre os integrantes dos GCAs há quase unanimidade, com concordância de 96,7% deles com a afirmativa. (Tabela 81)

Tabela 81. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Os policiais que atuam na Maré, em geral, usam mais força do que é necessário.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	□	%
Moradores	60,1	21,2	12,8	5,8	514	100,0
Policiais	14,9	64,2	20,9	-	67	100,0
Traficantes	96,7	-	3,3	-	30	100,0
Milicianos	10,0	60,0	20,0	10,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Ainda no campo da avaliação da estratégia policial na Maré, solicitamos que os moradores e policiais se colocassem diante de uma questão polêmica: o uso do carro blindado (apelidado de *Caveirão* pelos moradores das favelas e de *Pacificador* pela polícia). Como é sabido, a utilização do veículo é questionada por muitas organizações da sociedade civil, tendo havido, inclusive, uma forte

campanha, em 2006 e 2007, contra o seu uso nas favelas.²²⁰ Em vez de perguntar simplesmente se os entrevistados eram a favor ou contra o uso do veículo, preferi fazer um leque maior de perguntas a respeito²²¹. Assim, diante da sentença de que o uso do Blindado é necessário para proteger os policiais e deve ser usado da forma como é utilizado atualmente, 40,7% dos moradores responderam afirmativamente, enquanto 56% discordaram do juízo. No caso dos policiais, 88,1% defenderam a necessidade de uso do veículo e seu papel protetor. Do mesmo modo, a grande maioria dos entrevistados, tanto membros das forças de segurança como moradores entenderam que o *Caveirão* é positivo para os policiais. (Tabelas 82, 83, 84 e 85)

O fato é corroborado por dados: na pesquisa longitudinal realizada pelo Observatório de Favelas com 200 adolescentes empregados no tráfico de drogas, apresentada em novembro de 2006²²², verificou-se que a introdução do blindado gerou uma diminuição do número de policiais mortos em ação no Rio de Janeiro; e o mesmo aconteceu com os empregados no tráfico. Por outro lado, aumentou significativamente o número de moradores atingidos por “balas perdidas”. O fato explica porque os moradores entrevistados, em sua grande maioria, mais de 3/4, consideraram o blindado prejudicial aos moradores.

Tabela 82. Respostas dos moradores ao quesito
Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda

<i>O uso do Blindado (Caveirão) é necessário para proteger os policiais e deve ser usado da forma como é utilizado hoje.</i>		
	□	%
Sim	209	40,7
Não	288	56,0
Não sabe / Não respondeu	17	3,3
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²²⁰ A campanha “Fora Caveirão!” foi organizada, especialmente, por entidades que atuam no campo dos direitos humanos e por várias associações criadas por vítimas da violência policial nas favelas. O governador Sérgio Cabral, quando candidato e logo depois de eleito, prometeu que o veículo não seria mais utilizado em sua gestão. A promessa não foi cumprida.

²²¹ Houve uma pequena diferença na formulação do item: aos moradores foi apresentada a questão e pedido a resposta sim ou não; aos policiais foi apresentado a afirmativa e solicitado se ele concordava ou discordava. A questão não foi apresentada aos milicianos e traficantes.

²²² Cf. Observatório de Favelas – relatório “Rotas de Fuga: trajetória de adolescentes empregados no tráfico de drogas”, novembro de 2006.

Tabela 83. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

O uso do Blindado (Caveirão) é necessário para proteger os policiais e deve ser usado da forma como é utilizado hoje.

	□	%
Concorda plenamente	59	88,1
Concorda ou Discorda em parte	4	6,0
Discorda totalmente	4	6,0
Não sabe/ Não respondeu	-	-
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 84. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito

Em sua opinião, o uso do blindado (Caveirão) é positivo ou negativo para o policial

	□	%
É positivo para o policial	387	75,3
É negativo para o policial	107	20,8
Não sabe / Não respondeu	20	3,9
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 85. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito

Em sua opinião, o uso do blindado (Caveirão) é positivo ou negativo para o morador

	□	%
É positivo para o morador	81	15,8
É negativo para o morador	407	79,2
Não sabe / Não respondeu	26	5,1
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A diferença para menos, em relação ao percentual dos que entenderam ser o blindado negativo para a população das favelas reflete uma percepção que se manifesta em variados momentos do questionário, como será visto em outras respostas dos moradores a serem apresentadas: muitos entrevistados pareceram considerar inevitáveis as estratégias policiais vigentes e não consideraram que elas poderiam ser diferentes. Assim, há uma clara distância entre o desejo de que se construa outra política de segurança pública nas favelas e a crença de que essa possibilidade seja real.

No que diz respeito à percepção de práticas policiais nas favelas, a grande maioria dos moradores e um percentual ainda maior entre os traficantes e milicianos acreditaram que haja entre os policiais uma lógica homicida no enfrentamento dos integrantes das facções do tráfico de drogas. Diante da afirmativa de que alguns policiais preferem matar integrantes das facções mesmo quando teriam a possibilidade de prendê-los, 2/3 dos moradores, 70% dos milicianos e 80% dos empregados no tráfico concordaram plenamente com a assertiva. Apenas 7,8% dos moradores discordaram totalmente da proposição. Curiosamente, 13,3% dos traficantes discordaram plenamente da afirmação.

No caso dos policiais, à afirmativa que expressa uma constatação, foi agregada mais uma certificação e um juízo de valor: o de que essa prática homicida viola os direitos humanos e seria, por isso, inaceitável. Apenas 20,9% dos policiais discordaram completamente da afirmação, enquanto 31,3% concordaram plenamente e quase metade concordou (ou discordou) em parte.²²³ (Tabela 86)

Tabela 86. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Para Moradores/Traficantes/Milicianos: *Alguns policiais preferem matar integrantes das facções mesmo quando teriam a possibilidade de prendê-los.*

Para Policiais: *Alguns policiais preferem matar integrantes das facções mesmo quando teriam a possibilidade de prendê-los. Essa estratégia viola os direitos humanos e é inaceitável.*

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	67,9	17,9	7,8	6,4	514	100,0
Policiais	31,3	47,8	20,9	-	67	100,0
Traficantes	80,0	6,7	13,3	-	30	100,0
Milicianos	70,0	20,0	10,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²²³ O maior percentual de concordâncias parciais pode significar a aceitação da constatação e a negação do juízo de valor; ou a discordância parcial com as duas afirmativas. Nesse caso, revelou-se um equívoco a reunião das duas afirmativas, pois prejudicou a análise precisa das posições dos entrevistados.

Nos outros entrevistados, o enunciado de que a morte dos integrantes de facção quando poderiam ser presos viola os direitos humanos foi apresentado de forma isolada. Assim, a divergência foi significativa entre os três segmentos: todos os traficantes, como era esperado, concordaram com a afirmativa; no caso dos moradores quase 76,7% concordaram e apenas 7,4% discordaram plenamente. Nesse caso, observando o percentual dos que responderam que concordam ou discordam em parte, é possível dizer que mais de 1/5 dos moradores concordou total ou parcialmente com a noção do “direito de matar” efetivada por uma parcela dos policiais. Entre os milicianos, metade deles concordou que o homicídio na situação apontada é uma violação dos direitos humanos e apenas um discordou da afirmativa completamente. O dado seria positivo, considerando-se que o discurso de “guerra ao tráfico de drogas” impregna de forma profunda o discurso miliciano e mesmo dos moradores. Todavia, as respostas majoritárias dadas pelos segmentos dos moradores, traficantes e milicianos à questão que vem a seguir relativizam essa primeira análise, como veremos. (Tabela 87)

Tabela 87. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Matar integrantes das facções mesmo quando teriam a possibilidade de prendê-los viola os direitos humanos e é inaceitável.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	76,7	11,9	7,4	4,1	514	100,0
Policiais	100,0	-	-	-	67	100,0
Milicianos	50,0	40,0	10,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Na perspectiva de melhor elucidar a representação sobre os direitos humanos e a crença na violência como caminho para o enfrentamento da criminalidade, foi perguntado a todos os entrevistados se concordavam com a seguinte afirmativa: a pessoa que entra numa facção (entendida como sinônimo do tráfico de drogas) é

criminosa e, por isso, a polícia pode matá-la se tiver oportunidade. Em formato parecido com a proposição apresentada aos policiais entrevistados no item citado acima, o enunciado apresentava uma constatação e um juízo de valor. Nesse caso, o percentual de moradores que discordou completamente é de 63,4%, bem abaixo do percentual que entende ser a morte dos integrantes do tráfico uma violação aos direitos humanos; no caso dos milicianos, sete concordaram com a afirmativa e mesmo entre os traficantes houve um posicionamento diferenciado: apenas 36,7% discordaram totalmente da assertiva. As respostas aparentemente contraditórias podem significar que a constatação de que esse tipo de homicídio seria uma violação aos direitos humanos, como sinaliza a afirmativa anterior, não significaria uma reprovação dessa prática. Nesse caso, o tratamento violento aos integrantes da facção criminosa estaria profundamente incorporado à lógica considerada adequada, pelos moradores da Maré, em geral, de enfrentamento do tráfico de drogas. Uma boa notícia, nesse âmbito, é o fato de apenas 9% dos policiais concordarem plenamente com a afirmativa e o percentual dos que dela discordaram completamente, 37,3%, é semelhante ao percentual dos integrantes do tráfico de drogas. Em certa medida, o fato de três milicianos também discordarem totalmente da afirmativa é alvissareira, levando em conta a lógica do grupo, acima considerada. (Tabela 88)

Tabela 88. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A pessoa que entra na facção é criminosa e, por isso, a polícia pode matá-la se tiver a oportunidade

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	11,3	22,2	63,4	3,1	514	100,0
Policiais	9,0	53,7	37,3	-	67	100,0
Traficantes	10,0	53,3	36,7	-	30	100,0
Milicianos	70,0	-	30,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Outro bloco de enunciados que julguei relevante trabalhar no levantamento diz respeito à percepção dos entrevistados sobre o papel cumprido pelos GCAs e sobre suas práticas. O eixo central das proposições foi a relevância dos grupos para a garantia da segurança cotidiana dos moradores. Nesse sentido, foi perguntado aos entrevistados se eles consideravam que a facção seria importante para garantir a segurança dos moradores e sem ela a situação da comunidade seria pior quanto à “segurança”. Os policiais, como seria esperado, foram os que mais discordaram do enunciado, com o percentual de 64,2%; apenas 1,5% concordou completamente com ele. No caso dos milicianos, seis discordaram completamente e dois concordaram de forma plena. Entre os traficantes, por sua vez, 2/3 concordaram plenamente com o enunciado e 6,7% dele discordaram totalmente. Os números são curiosos, pois revelam que está longe de haver unanimidade quanto ao papel das facções em relação à segurança, até mesmo entre os seus integrantes. (Tabela 89)

Para os moradores entrevistados, a questão é mais complexa: apenas 17,9% concordaram plenamente com o enunciado, enquanto 56,4% estão no outro extremo. Todavia, quando desagregamos os dados pelas favelas dominadas pelas facções e pela milícia, distinções significativas aparecem:²²⁴ enquanto 23% dos moradores da Área 3 (Vila do João, Vila Pinheiros, Conjuntos Pinheiros, Salsa e Merengue e Conjunto Esperança) concordaram plenamente com o enunciado, apenas 7% dos moradores residentes na Área 4, dominada pela milícia (Praia de Ramos e Roquete Pinto), disseram o mesmo. A Área 2 (Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Nova Maré e Bento Ribeiro Dantas), por sua vez, é a que reúne mais moradores críticos ao papel desempenhado no campo da segurança pelo tráfico de drogas: 65% discordaram plenamente de que ele é positivo para a favela, enquanto que na Área 3, os que discordaram chegam a 47%. (Tabela 89)

²²⁴ Só trabalhei na tese com os dados desagregados por áreas quando essa opção foi essencial para se perceber as diferenças locais. Optei por não ilustrar os dados com as tabelas, nesses casos. Ir além da desagregação realizada tornaria o trabalho exaustivo em termos de elaboração, leitura e definição das centralidades do estudo.

Tabela 89. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A facção é importante para garantir a segurança dos moradores e sem ela a situação da comunidade seria pior quanto à “segurança”.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	17,9	20,2	56,4	5,4	514	100,0
Policiais	1,5	34,3	64,2	-	67	100,0
Traficantes	66,7	26,7	6,7	-	30	100,0
Milicianos	20,0	10,0	60,0	10,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Ainda no bloco de questões dedicadas à identificação das representações dos moradores e policiais sobre o papel do tráfico na área da segurança na favela, solicitei que os entrevistados se colocassem diante da afirmativa de que a morte ou prisão de um chefe do tráfico que respeita e protege a comunidade não seria bom para os moradores. Dentre os policiais, cerca de 45% concordaram plena ou parcialmente com a assertiva, o que representaria o reconhecimento, parcial ou pleno, do papel de um “bom chefe” no domínio do território.²²⁵

No caso dos moradores, apenas 28,8% discordaram plenamente da afirmativa; mas, por outro lado, 40,7% concordaram plenamente. Significa que a questão é polêmica e que o incômodo com a presença do tráfico pode independe do tipo de chefe (“dono da favela”) no poder (Tabela 90).

²²⁵. A posição dos policiais, nesse caso, pode ter resultados práticos, como, por exemplo, deixar de perseguir ou prender um chefe de facção que evite o enfrentamento com a polícia e seja reconhecido como alguém que “respeita” os moradores.

Tabela 90. Respostas (estimuladas) de moradores e policiais ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A morte ou prisão de um chefe do tráfico que respeita e protege a comunidade não é bom para os moradores.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	40,7	22,6	28,8	8,0	514	100,0
Policiais	19,4	26,9	52,2	1,5	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Quando são desagregados os dados por área, a crítica ao tráfico fica mais evidente: para os moradores da Área 4, que não convivem mais com a facção, apenas 13% dos residentes concordam plenamente com a afirmativa, enquanto 50% dela discordam. Nas áreas dominadas pelo tráfico de drogas, também existem diferenças expressivas: enquanto na Área 1 (Nova Holanda, Bento Ribeiro Dantas, Parque União e Parque Maré), dominada pelo Comando Vermelho, apenas 28% concordaram plenamente com o enunciado, o percentual é de 44% na Área 2 (Morro do Timbau, Baixa, Nova Maré e Bento Ribeiro Dantas), dominada pelo Terceiro Comando. Ele atinge, por sua vez, 57% na Área 3 (Vila do João, Conjunto Pinheiro, Vila Pinheiros, Salsa e Merengue e Conjunto Esperança), dominada até a realização das entrevistas pela ADA. A razão para isso pode ser a presença de lideranças com perfis muito diferenciados nas favelas das áreas 2 e 3, enquanto na Área 1 os perfis seriam mais homogêneos.

Durante alguns anos, se fez presente no imaginário carioca, de modo muito difuso, a noção de que a milícia seria melhor para a localidade do que o tráfico de drogas.²²⁶ Assim, busquei levantar o que os moradores e os policiais entrevistados pensavam a respeito.²²⁷ Diante do enunciado “entre ter o tráfico ou a milícia na comunidade, é preferível ter a milícia”, quase metade dos policiais discordou plenamente e 1/3 deles concordou ou discordou parcialmente. Apenas 19%,

²²⁶. O ex-prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, por exemplo, denominava esse grupo criminoso de “autodefesa da comunidade”; a policial e deputada federal Marina Magessi também defendeu, em diferentes situações, o papel alternativo da milícia ao tráfico de drogas.

²²⁷. O enunciado não foi apresentado aos empregados no tráfico de drogas e aos milicianos por razões óbvias.

considerando a comprovada presença de muitos policiais e ex-policiais no citado GCA, concordaram plenamente com a afirmação. (Tabela 91)

Tabela 91. Respostas (estimuladas) de moradores e policiais ao quesito
Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Entre ter o tráfico ou a milícia na comunidade, é preferível ter a milícia

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	7,2	9,1	65,2	18,5	514	100,0
Policiais	19,4	32,8	46,3	1,5	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Existe uma grande discrepância de posição entre os moradores das áreas dominadas pelo tráfico e da área dominada pela milícia: globalmente, apenas 7,2% dos moradores concordaram com o enunciado; todavia, chegou a 17% o percentual de moradores da Área 4 (Praia de Ramos e Roquete Pinto) que concordou plenamente. No outro extremo, embora haja um total de 65,2% dos moradores que discordaram plenamente do enunciado, apenas 30% dos residentes na área da milícia afirmaram essa proposição. Nesse caso, a posição predominante na área que convive com o GCA citado, 46%, é de concordar em parte com o enunciado. Desse modo, fica evidente a forte rejeição dos moradores que nunca conviveram com o domínio da milícia e a rejeição parcial daqueles que estão sendo obrigados a suportar o jugo do grupo criminoso. O fato de não haver, na Maré, enfrentamento entre a polícia e a milícia, além da repressão à venda das drogas, pode ser uma variável importante para o posicionamento dos moradores da Área 4.

Ainda interessada em identificar a representação local sobre a milícia, solicitei que os policiais e moradores se posicionassem diante da afirmativa de que a milícia respeita mais os moradores e a comunidade do que as facções. Os policiais se dividiram a respeito, mas a maior parcela deles, 38,8%, discordou

totalmente; por outro lado, 23,9% consideraram a afirmativa correta. O fato de outros 34,3% concordarem ou discordarem parcialmente pode significar que, para esse grupo de policiais, a atuação específica dos grupos pode ser mais importante para caracterizá-los do que uma identidade geral como GCA. (Tabela 92)

Tabela 92. Respostas (estimuladas) de moradores e policiais ao quesito
Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A milícia respeita mais os moradores e a comunidade do que a facção do tráfico de drogas.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não riu	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	7,0	8,8	63,4	20,8	514	100,0
Policiais	23,9	34,3	38,8	3,0	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No caso dos moradores, a mesma diferenciação entre as áreas se mantém: embora apenas 7% tenham concordado plenamente com a afirmativa, o percentual chegou a 22% entre os moradores da Área 4. Não é possível, entretanto, deixar de considerar que 43% concordaram/discordaram parcialmente com a assertiva. O dado pode significar que a milícia seria suportada mais pelos problemas derivados da presença histórica do tráfico de drogas do que por suas qualidades próprias. De qualquer forma, acredito que apenas o uso de instrumentos qualitativos permitiria uma melhor interpretação do significado desse dado, o que não foi possível ser feito durante o desenvolvimento da pesquisa.

A questão que melhor ajuda a identificar a posição do conjunto dos entrevistados em relação aos GCAs afirma que em a presença de grupos armados, seja do tráfico seja da milícia, a situação de segurança no dia-a-dia na comunidade seria melhor. Entre os traficantes, 40% discordaram plenamente do enunciado, o que revela uma clara consciência sobre os problemas provocados pelas facções. Quatro milicianos também afirmaram a mesma posição, enquanto outros quatro concordaram plenamente com a assertiva. A posição desses milicianos refletiria a

compreensão de que o papel desse grupo criminoso seria a de “defender a comunidade” contra as facções do tráfico de drogas. (Tabela 93)

Tabela 93. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Para Moradores: *Sem a presença de grupos armados, seja do tráfico seja da milícia, a situação de segurança no dia-a-dia na comunidade seria melhor.*

Para Policiais/Traficantes/Milicianos: *Sem a presença da facção, seja do tráfico seja da milícia, a situação de segurança no dia-a-dia na comunidade seria melhor.*

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	77,8	12,3	5,8	4,1	514	100,0
Policiais	89,6	6,0	4,5	-	67	100,0
Traficantes	10,0	50,0	40,0	-	30	100,0
Milicianos	40,0	10,0	40,0	10,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Entre os policiais e os moradores, por sua vez, a concordância com o enunciado foi bastante elevada; todavia, ela foi maior entre os policiais, 89,6%, do que entre os moradores, 77,8%. Nesse caso, 18,1% dos moradores entrevistados concordaram/discordaram parcialmente ou plenamente da assertiva. O posicionamento diferenciado dos residentes da área dominada pela milícia em relação às dominadas pelas facções é digno de nota: o menor percentual dos que concordaram plenamente nas áreas das facções é de 78%, na área dominada pelo Comando Vermelho, chegando a 84% na área dominada, durante a realização do trabalho de campo, pela ADA. No caso da área dominada pela milícia, o percentual caiu para 40%. No outro extremo, enquanto o percentual global dos que discordaram plenamente da afirmativa é de 5,8%, ele chegou a 18,5% entre os residentes da Praia de Ramos e do Roquete Pinto. Os dados revelam que uma parcela não desprezível dos moradores valoriza o grau de segurança no cotidiano oferecido pelos GCAs, em especial da milícia. Ele também pode revelar que muitos moradores não confiam que as forças de segurança possam cumprir o papel assumido pelos grupos criminosos.

Diante disso, a construção de uma estratégia voltada para a superação da situação existente exige a adoção de práticas que levem à conquista da confiança dos moradores e seja eficiente na defesa da sua segurança cotidiana.

Em outro bloco de questões, busquei identificar, com alguns enunciados básicos, as percepções dos policiais sobre os moradores e, principalmente, a dos residentes, de forma global, em relação aos policiais. Uma representação expressa com frequência por policiais, em falas dispersas, revelou-se majoritária, de fato, entre eles: 2/3 acreditam que a população da Maré, em geral, trata os membros das facções com mais consideração do que aos policiais. Apenas 6,0% discordaram plenamente da assertiva. Com os dados aqui apresentados, tal fato não procede, visto que os moradores revelaram fazer uma clara distinção entre a polícia e os grupos de traficantes de drogas, assumindo uma forte crítica à presença dos últimos na favela. (Tabela 94)

A afirmação acima é corroborada pela resposta ao enunciado de que os policiais que atuam na Maré agiriam como criminosos e não seriam melhores do que os membros das facções. Embora apenas 10,1% dos moradores entrevistados discordaram plenamente dessa assertiva, enquanto menos da metade concordou plenamente. Os dados podem indicar que a maior parte dos moradores faz a distinção entre os policiais atuantes na Maré, reconhecendo que eles são diferenciados. Todos os milicianos, refletindo a identidade do grupo com a polícia, discordaram plenamente da assertiva. No caso dos integrantes dos grupos do tráfico de drogas, 2/3 concordaram plenamente com a assertiva. O fato demonstra que a percepção dos policiais não pode ser considerada apenas pela percepção negativa e que há caminhos, então, para a melhoria continuada da relação com os moradores, em especial. (Tabela 95)

Tabela 94. Respostas (estimuladas) dos policiais ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A população da Maré, em geral, trata os membros das facções com mais consideração do que aos policiais.

	□	%
Concorda plenamente	45	67,2
Concorda ou Discorda em parte	14	20,9
Discorda totalmente	4	6,0
Não sabe/ Não respondeu	4	6,0
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 95. Respostas (estimuladas) de moradores, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Os policiais que atuam na Maré agem como criminosos e não são melhores do que os membros das facções.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	47,3	33,5	10,1	9,1	514	100,0
Traficantes	66,7	30,0	3,3	-	30	100,0
Milicianos	-	-	100,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Na mesma linha, diante do enunciado de que não haveria diferenças entre a violência praticada pelos agentes policiais e praticada pelos membros das facções, o grau de concordância foi menor do que eu esperava, antes de ir a campo: 15,6% dos moradores discordaram plenamente do enunciado, enquanto 25,4% dos policiais fizeram o mesmo. No outro extremo, 55,8% dos moradores e 20,9% dos policiais concordaram plenamente com a afirmação.²²⁸ (Tabela 96)

²²⁸ O termo “diferente” é ambíguo, pois ele não qualifica se a violência é maior ou menor. Contudo, em termos semânticos, de acordo com os entrevistados, não houve questionamento por parte dos moradores entrevistados; aparentemente, eles trabalharam com a noção, típica do senso comum, de que os integrantes das facções seriam mais violentos do que os integrantes das forças policiais.

Tabela 96. Respostas (estimuladas) de moradores e policiais ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Os policiais que atuam na Maré, em geral, usam mais força do que é necessário.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	55,8	24,1	15,6	4,5	514	100,0
Policiais	20,9	52,2	25,4	1,5	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No caso dos membros dos GCAs, o enunciado foi mais direto: nele, afirmava que a violência praticada por policiais é pior do que a praticada pelos membros das facções.²²⁹ Entre os milicianos, oito dos entrevistados discordaram plenamente do enunciado; no grupo de traficantes, 76,7% concordaram plenamente, mas 1/5 discordou parcialmente ou totalmente da assertiva. O fato indica, de acordo com a hipótese na origem da pesquisa, que o grupo de integrantes do tráfico poderia ser mais heterogêneo do que sua inserção profunda na rede social do crime e o antagonismo com a polícia expressam. (Tabela 97)

Tabela 97. Respostas (estimuladas) de integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A violência praticada por policiais é pior do que a praticada pelos membros das facções.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Traficantes	76,7	20,0	3,3	-	30	100,0
Milicianos	10,0	10,0	80,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²²⁹ Da mesma forma que na questão anterior, talvez o termo pior não tenha sido o mais adequado, pois estabelece uma valoração da violência, como se pudesse haver uma “melhor”; de qualquer forma, os entrevistados não tiveram dificuldades em responder à questão, considerando-a em sua natureza e gravidade.

Por fim, no último bloco de questões do presente item, procurei identificar a percepção geral do papel da polícia e da estratégia por ela adotada na Maré. Busquei identificar a função reconhecida pela polícia através de um leque de afirmações. A primeira delas considerava que a maneira como a polícia atua na comunidade teria como objetivo garantir a segurança dos moradores. Apesar de no âmbito do senso comum se considerar que os policiais não seriam valorizados ou reconhecidos pelos moradores, 41,8% dos policiais concordaram plena ou parcialmente com o enunciado. Mesmo no caso dos traficantes, apenas 63,3% discordaram plenamente da afirmativa. A soma dos percentuais de concordância parcial ou total chegou a 85,1% entre os policiais e a totalidade dos milicianos considerou o mesmo. (Tabela 98)

Tabela 98. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A maneira como a polícia atua na comunidade tem como objetivo garantir a segurança dos moradores.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	11,9	31,1	53,3	3,7	514	100,0
Policiais	41,8	43,3	14,9	-	67	100,0
Traficantes	3,3	33,3	63,3	-	30	100,0
Milicianos	80,0	20,0	-	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Um dado preocupante, por outro lado, é o fato de 52,3% dos moradores, diante da afirmativa de que a atuação da polícia na comunidade evita o aumento de crimes e da violência, discordarem totalmente do que seria a razão de ser da polícia. Significa dizer que a maioria dos moradores não reconhece o sentido da ação policial na favela. O fato é atestado pelos policiais, visto que menos de 30% concordaram plenamente com a afirmativa. (Tabela 99)

Tabela 99. Respostas (estimuladas) de moradores e policiais ao quesito
Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A atuação da polícia na comunidade evita o aumento de crimes e da violência.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	15,2	28,2	52,3	4,3	514	100,0
Policiais	28,4	49,3	22,4	-	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No que diz respeito ao enunciado de que a atuação da polícia na Maré, em geral, respeita os direitos dos moradores, houve uma posição polarizada entre os moradores e traficantes, por um lado, e os policiais e milicianos, por outro, 78,2% dos moradores e mais de 28 dos 30 traficantes entrevistados discordaram plenamente da afirmativa. No caso dos policiais, apenas 1/6 discordou completamente da assertiva e, entre os milicianos, apenas 1 dentre 10 teve a mesma posição. (Tabela 100)

Uma questão central para identificar o grau de aceitação pelos moradores entrevistados foi expressa no seguinte enunciado: “a polícia deve usar todos os meios para enfrentar o tráfico de drogas, mesmo que ponha em risco a vida dos moradores”. Apesar da radicalidade da afirmativa, um em cada cinco entrevistados concordou plenamente com ela, enquanto 77,4% tiveram a posição oposta: discordaram totalmente. A maior expressão da naturalização, por parte de uma parcela dos moradores, da estratégia hegemônica adotada foi revelada na resposta ao enunciado seguinte, no qual é afirmado que a morte ocasional de moradores faz parte da guerra contra o crime e essa estratégia não pode ser mudada. Metade dos moradores concordou plenamente ou parcialmente com ela. A razão da significativa diferença na resposta a enunciados parecidos indica que

as mortes ocasionais são vistas como parte do processo de enfrentamento, mas elas não podem ser componentes da política de segurança.²³⁰ (Tabela 101)

Tabela 100. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A atuação da polícia na Maré, em geral, respeita os direitos dos moradores.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	7,4	12,5	78,2	1,9	514	100,0
Policiais	28,4	55,2	16,4	-	67	100,0
Traficantes	3,3	3,3	93,3	-	30	100,0
Milicianos	50,0	30,0	10,0	10,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 101. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Para Moradores: A polícia deve usar todos os meios para enfrentar o tráfico de drogas, mesmo que ponha em risco a vida dos moradores

Para Policiais/Traficantes/Milicianos: A polícia deve usar todos os meios para enfrentar o tráfico de drogas, mesmo colocando em risco a vida dos moradores e policiais

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	7,0	13,2	77,4	2,3	514	100,0
Policiais	14,9	55,2	29,9	-	67	100,0
Traficantes	10,0	26,7	63,3	-	30	100,0
Milicianos	70,0	10,0	20,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²³⁰

A fala de um ex-comandante da polícia da Maré permite uma explicitação mais clara da diferença: de acordo com ele, o sucesso da forças de segurança da Colômbia na luta contra o crime organizado derivou da possibilidade de invadir os locais por ele ocupados e usar da força extrema. Para o militar, a população das favelas não concordaria com essa estratégia.

No caso dos policiais, traficantes e milicianos, o primeiro enunciado foi redigido de forma um pouco diferente: nele, se afirmava que a polícia deve usar todos os meios para enfrentar o tráfico de drogas, mesmo colocando em risco a vida dos moradores e policiais, grupo acrescentado à afirmativa. Apesar desse acréscimo, apenas 29,9% dos policiais discordaram totalmente do enunciado, para 14,9% que concordaram plenamente. A posição reflete o *ethos guerreiro* que caracteriza a formação do policial, aspecto mais marcante em sua prática policial do que a necessária formação técnica e a ênfase no respeito aos direitos humanos. A posição dos milicianos é ainda mais incisiva: sete deles concordaram plenamente com a afirmativa e apenas dois discordaram dela totalmente. No que diz respeito aos traficantes, quase 2/3 deles discordaram totalmente do enunciado, enquanto pouco mais de 1/3 concordou parcial ou plenamente com ela. (Tabela 101)

No enunciado de que a morte ocasional de moradores faz parte da guerra contra o crime e essa estratégia não pode ser mudada, ocorreu, com os três segmentos, o mesmo que ocorrera com os moradores: apenas 36,7% dos traficantes o repudiaram plenamente; no caso dos policiais, o número ainda é menor: 28,4% assinalaram sua discordância plena com a assertiva. Do mesmo modo, apenas um dos milicianos discordou plenamente da afirmativa. Nesse caso, parece que o mesmo argumento usado em relação aos moradores entrevistados vale para os outros segmentos: a morte ocasional faz parte do processo de enfrentamento, mas não sua transformação em política de segurança pública. (Tabela 102)

Ainda na busca de identificar a percepção sobre a estratégia policial, foi apresentado o seguinte enunciado: as ações cumpridas pela polícia na Maré costumam ser positivas para a comunidade local e não devem mudar. Nesse caso, houve uma clara distinção entre, por um lado, os policiais e os milicianos, e, por outro, em menor medida, os moradores e os traficantes. Enquanto 79,1% dos policiais e nove entre os dez milicianos entrevistados concordaram parcial ou plenamente com a assertiva, o percentual foi de 42,6% entre os moradores e apenas três traficantes. De qualquer forma, o fato de pouco mais da metade dos moradores discordar plenamente da afirmativa demonstra, outra vez, como boa parte da população incorporou a estratégia em vigor. (Tabela 103)

Tabela 102. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A morte ocasional de moradores faz parte da guerra contra o crime e essa estratégia não pode ser mudada.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	24,1	25,9	44,9	5,1	514	100,0
Policiais	22,4	49,3	28,4	-	67	100,0
Traficantes	16,7	46,7	36,7	-	30	100,0
Milicianos	40,0	50,0	10,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 103. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

As ações cumpridas pela polícia na Maré costumam ser positivas para a comunidade local e não devem mudar.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	10,7	31,9	51,9	5,4	514	100,0
Policiais	34,3	44,8	20,9	-	67	100,0
Traficantes	3,3	6,7	90,0	-	30	100,0
Milicianos	80,0	10,0	10,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A posição acima considerada se reforça diante das respostas ao enunciado seguinte, que afirma não ter a polícia como agir de forma diferente da atual enquanto houver a presença das facções criminosas: curiosamente, 60% dos traficantes e 41,1% dos moradores discordaram totalmente da assertiva. Significa dizer que um grupo expressivo de traficantes de drogas e outro maior ainda de

policiais assumem essa percepção naturalizada do atual quadro de enfrentamento. Por outro lado, é positivo verificar que apenas 43,3% dos policiais concordaram plenamente com a assertiva. Significa que a maioria considera que a estratégia vigente de enfrentamento bélico deve ser modificada, pelo menos parcialmente. Essa posição abrange apenas dois milicianos. (Tabela 104)

Tabela 104. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A polícia não tem como agir de forma diferente da atual enquanto houver a presença das facções criminosas.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	<i>f</i>	%
Moradores	24,3	29,6	41,1	5,1	514	100,0
Policiais	43,3	28,4	28,4	-	67	100,0
Traficantes	6,7	33,3	60,0	-	30	100,0
Milicianos	80,0	10,0	10,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

De qualquer forma, a *inevitabilidade* expressa por uma parcela significativa dos entrevistados nas proposições acima pode ser relativizada diante da afirmação de que a polícia precisaria mudar a forma de atuar na comunidade para não colocar os moradores em risco. A posição é assumida quase que consensualmente por todos os segmentos, com exceção, em certa medida, dos policiais: sete dos dez milicianos, 79,6% dos moradores e quase todos os traficantes concordaram plenamente com a afirmativa. Entre os policiais, apenas 19,4% discordaram totalmente do enunciado, frente a 41,8% que concordaram plenamente. Os juízos assinalados indicam que a consciência sobre a importância da mudança da política atual de segurança já é hegemônica, embora ela ainda não pareça estar no horizonte dos grupos, no que diz respeito à possibilidade de sua implementação. (Tabela 105)

Tabela 105. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A polícia precisa mudar a forma de atuar na comunidade para não colocar os moradores em risco.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	79,6	11,9	5,8	2,7	514	100,0
Policiais	41,8	38,8	19,4	-	67	100,0
Traficantes	96,7	-	3,3	-	30	100,0
Milicianos	70,0	20,0	10,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Em termos de alternativas para a situação existente, foram apresentados enunciados tópicos, que indicassem caminhos percebidos pelos grupos entrevistados para superar a atual estratégia de segurança pública afirmada pelas forças de segurança. O primeiro deles afirmava que as drogas deveriam ser descriminalizadas, pois o combate ao tráfico gera mais morte e violência do que o consumo de drogas. A posição hegemônica entre os moradores, já evidenciada em diversas pesquisas feitas no Brasil, foi amplamente favorável à manutenção da atual política de criminalização: 71,2% discordaram totalmente da afirmativa e apenas 11,7% concordaram plenamente com a possibilidade. Mesmo entre os traficantes, 73,3% discordaram ou não concordam totalmente com a medida, podendo ser o fato provocado pelo temor de “perder o seu mercado cativo”. Entre os policiais, curiosamente, embora apenas 4,5% tenham concordado totalmente com a afirmativa, 31,3% concordaram parcialmente, postura que sinaliza uma posição menos fechada em relação à construção de outras estratégias no campo de enfrentamento do fenômeno das drogas. (Tabela 106)

Tabela 106. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

As drogas deveriam ser descriminalizadas, pois o combate ao tráfico gera mais morte e violência do que o consumo de drogas.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	11,7	13,6	71,2	3,5	514	100,0
Policiais	4,5	31,3	64,2	-	67	100,0
Traficantes	26,7	33,3	40,0	-	30	100,0
Milicianos	-	20,0	80,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Um dos fatos mais positivos no levantamento foi a resposta do conjunto dos segmentos à afirmativa de que é necessário e positivo que a comunidade tenha segurança pública oferecida pelo Estado/Governo e que o morador tenha seus direitos devidamente respeitados. Na mesma linha já sinalizada em relação à crítica ao papel do tráfico e da milícia no campo da segurança cotidiana do território local, os moradores, policiais e milicianos declararam apoio quase que consensual ao enunciado. Mesmo entre o segmento dos traficantes de drogas, o apoio a essa presença do Estado na oferta de segurança pública com respeito aos direitos humanos foi bastante expressivo, com apenas quatro entre os 30 entrevistados rejeitando totalmente a iniciativa. (Tabela 107)

Por fim, solicitei a resposta a uma questão central no presente trabalho: o reconhecimento dos moradores à estratégia de instalação de um Batalhão de Polícia na Maré. E as respostas não podem ser consideradas positivas: diante da afirmativa de que o Batalhão na Maré havia contribuído para diminuir a violência na região, apenas 13,8% dos moradores concordaram plenamente; no outro extremo, 55,3% discordaram totalmente, o que revela que o principal equipamento das forças de segurança do Estado na Maré ainda está distante de atender de forma efetiva a expectativa da população local. O fato é identificado até entre os policiais, visto que apenas 1/3 concordou plenamente com o enunciado. Mais expressiva é a posição dos milicianos: todos discordaram

totalmente do enunciado. Curiosamente, apenas entre os traficantes o enunciado teve expressivo apoio: quase 2/3 concordaram plenamente com ele. (Tabela 108)

Tabela 107. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

É necessário e positivo que a comunidade tenha segurança pública oferecida pelo Estado/Governo e que o morador tenha seus direitos devidamente respeitados.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	92,0	3,9	1,4	2,7	514	100,0
Policiais	97,0	1,5	1,5	-	67	100,0
Traficantes	36,7	50,0	13,3	-	30	100,0
Milicianos	90,0	10,0	-	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 108. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A criação do Batalhão de Polícia na Maré contribuiu para diminuir a violência na região.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	13,8	26,5	55,3	4,5	514	100,0
Policiais	34,3	44,8	19,4	1,5	67	100,0
Traficantes	66,7	13,3	16,7	3,3	30	100,0
Milicianos	-	-	100,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Na mesma direção, solicitei aos moradores que se posicionassem diante da seguinte afirmativa: “depois da instalação do Batalhão na Maré, passei a me sentir mais seguro em meu dia-a-dia”. Para os policiais, houve uma variação na

sentença: “depois da instalação do Batalhão na Maré, os moradores passaram a se sentir mais seguros em seu dia a dia.” Entre os moradores, apenas 9,1% concordaram plenamente com o enunciado, enquanto quase 58,9% discordaram totalmente. Da parte dos policiais, apenas 1/5 concordou plenamente com a assertiva, embora a mesma fração tenha discordado totalmente, ficando a maior parte em uma posição ambígua, concordando (ou discordando) parcialmente da afirmativa. Como o enunciado é muito objetivo, a posição intermediária diante de uma demanda central dos moradores da Maré parece expressar mais a consciência dos limites do trabalho feito pelo Batalhão no território local do que uma compreensão maior das demandas locais e sobre os caminhos para atendê-las. (Tabela 109)

Tabela 109. Respostas (estimuladas) de moradores e policiais ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

Para Moradores: *Depois da instalação do Batalhão na Maré, passei a me sentir mais seguro em meu dia-a-dia.*

Para Policiais: *Depois da instalação do Batalhão na Maré, os moradores passaram a se sentir mais seguros em seu dia-a-dia.*

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	9,1	28,0	58,9	3,9	514	100,0
Policiais	20,9	56,7	19,4	3,0	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A partir das questões formuladas, procurei identificar a avaliação dos entrevistados sobre a atuação da polícia na Maré. Tendo em vista as respostas anteriores, não foi surpresa para mim que nove entre os dez milicianos avaliassem de forma positiva a ação policial na Maré. O fato de pouco mais de um em cada cinco moradores da Maré (22%) perceber de forma positiva as práticas policiais é que, de certa maneira, me surpreendeu. Creio que essa percepção assumida por

uma parcela razoável de moradores decorre da avaliação de que se “a situação é ruim com a polícia, pior sem ela”.²³¹

Evidencia-se, no caso, apesar do percentual altíssimo de rejeição das práticas policiais na favela, que há condições de mudar esse quadro a partir de uma ação estratégica diferenciada. A própria compreensão dos policiais sobre os limites de sua ação, considerada regular ou negativa por 2/3 deles, demonstra a abertura dos integrantes da corporação para que novas práticas sejam estabelecidas.

No que concerne aos traficantes, quase a totalidade repudia a ação da polícia no espaço local. Considerando-se, como apresento no item a seguir, que eles convivem de forma cotidiana com o que há de pior nas forças policiais: corrupção, violência e práticas ilegais, evidencia-se que as ações policiais não atendem às referências nem dos criminosos. Uma contradição tão profunda que não pode permanecer por muito tempo; a hora de superá-la está mais do que madura (Tabelas 110 e 111).

Tabela 110. Respostas (estimuladas) de moradores, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Sua avaliação da atuação da polícia na Maré, em geral, é...

	Moradores		Traficantes		Milicianos	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Positiva	113	22,0	1	3,3	9	90,0
Negativa	361	70,2	29	96,7	1	10,0
Não sabe/ Não respondeu	40	7,8	-	-	-	-
Total	514	100,0	30	100,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²³¹ Um bom exemplo da coerência desse juízo se expressa na rejeição dos moradores da Rua Principal à retirada do PPC de Nova Holanda, nos anos 90. Depois disso, o espaço em torno do antigo posto, na área central da favela, passou a ser um ponto de consumo de drogas, ampla circulação de armas e muita agitação. Os moradores do entorno se ressentem até hoje da perda da antiga “tranqüilidade”.

Tabela 111. Respostas (estimuladas) de policiais ao quesito
Sua avaliação da atuação da polícia na Maré, em geral, é...

	<i>f</i>	%
Positiva	22	32,8
Regular	40	59,7
Negativa	5	7,5
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

6.3.1.7. Percepção global das Forças Policiais

Minha intenção com o último bloco de questões desse capítulo foi apreender a avaliação dos segmentos entrevistados sobre as forças policiais em aspectos que dizem respeito às condições gerais de exercício de seu ofício e sobre o relacionamento com os moradores da Maré. As perguntas buscaram identificar os juízos dos entrevistados sobre a valorização da corporação pela sociedade e pelos governos; situações explícitas de violação da ética e da legalidade; se a população recorre à polícia para a resolução de problemas cotidianos; e, por fim, as percepções sobre o grau de eficiência e eficácia do seu trabalho.

De forma mais geral, quis saber a opinião dos entrevistados a respeito da valorização do trabalho policial pela sociedade. O grupo dos moradores entrevistados foi que reuniu o maior percentual dos que consideram a atividade pouco valorizada socialmente, 82,7%. Oito milicianos em dez e 79,1% dos policiais corroboraram esse juízo. Apenas os empregados no tráfico de drogas foram menos enfáticos nessa posição, com apenas 43,3% avaliando que a função policial tem pouca valorização social. (Tabelas 112 e 113)

Tabela 112. Respostas de moradores ao quesito
A atividade profissional do policial é valorizada pela sociedade?

	<i>f</i>	%
Sim	74	14,4
Não	425	82,7
Não sabe / Não respondeu	15	2,9
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 113. Respostas (estimuladas) de policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Você considera a atividade profissional do policial pouco valorizada pela sociedade?

	Policiais		Traficantes		Milicianos	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Sim	53	79,1	13	43,3	8	80,0
Não	13	19,4	17	56,7	2	20,0
Não sabe/ Não respondeu	1	1,5	-	-	-	-
Total	67	100,0	30	100,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

A constatação assinalada não ocorre apenas em relação aos policiais; ela também se faz presente em relação aos professores da rede pública de ensino e aos profissionais da saúde pública. Na verdade, o Estado brasileiro valoriza pouco, historicamente, os seus funcionários que atuam em funções sociais. Essa pouca valorização se expressa, entre outras práticas, nos baixos salários pagos aos policiais.

A falta de correspondência entre o salário recebido e os riscos inerentes à função é considerado por amplas parcelas de especialista e da população como um dos maiores problemas nas condições de trabalho dos policiais do Rio de Janeiro, entre outros estados brasileiros. Com efeito, como assinei no perfil apresentado dos policiais, a imensa maioria ganha pouco menos de quatro salários mínimos mensais. Apesar da renda média dos trabalhadores da Maré, e das favelas em geral, ser baixa - pouco menos de dois salários mínimos²³² - 75,1% dos moradores entrevistados corroboram a representação de que os policiais têm baixos salários. (Tabela 114)

Tabela 114. Respostas de moradores ao quesito

Você acha que o salário da polícia é baixo para a tarefa que ele cumpre?

	<i>f</i>	%
Sim	386	75,1
Não	103	20,0
Não sabe / Não respondeu	25	4,9
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²³² Cf. IBGE (2000); Censo Maré (2000); Rio como Vamos (2008).

O reduzido salário do policial é um forte argumento utilizado por variados especialistas e a população, em geral, para explicar a corrupção policial endêmica na corporação: a sua pouca atratividade, tendo em vista os riscos e mesmo estigmatização social do ofício, desestimularia o ingresso na força policial de profissionais interessados em trabalhar de forma correta; por outro lado, facilitaria o ingresso de pessoas interessadas apenas em ter o direito ao uso da arma e do distintivo a fim de se locupletarem da função. Independente dos juízos assinalados, no que concerne à política pública, a valorização ampliada dos policiais, incluindo o pagamento de salários atraentes, é um passo central para a mudança da realidade no campo da segurança pública carioca.

No que diz respeito à prática policial, considere importante apresentar nesse item as percepções sobre uma questão essencial no Brasil: o racismo. Afinal, os principais vitimados pela violência letal, entre outras formas de violência, são os negros, que também são a maioria dos residentes nas favelas cariocas.

Colocados diante da afirmação de que a cor da pele de uma pessoa influencia na forma como ela é tratada pela polícia, 2/3 dos moradores concordaram plenamente com a assertiva, ao passo que menos de 10% discordaram totalmente. A posição dos milicianos foi mais enfática na concordância, já que sete entre dez declararam concordar plenamente e nenhum discordou totalmente. Curiosamente, os integrantes do tráfico de drogas não apresentaram tanta unidade, já que quase a metade dos entrevistados não se colocou plenamente de acordo com a afirmação. Uma razão provável para o posicionamento é que, praticantes do crime considerado prioritário pelas forças de segurança, eles não perceberiam diferença de tratamento aos traficantes em função da cor da pele; a condição de “traficantes” os igualariam em termos de repressão das forças policiais. A observação se torna mais factível em função da vida restrita na qual vivem os integrantes das facções, com um baixo nível de circulação para além da rede social do tráfico de drogas. (Tabela 115)

Os policiais, por sua vez, tiveram a percepção mais difusa sobre a afirmativa: o percentual que concordou plenamente com ela, de 31,3%, foi bem menor que o dos outros grupos; em proporção inversa, o percentual daqueles que discordaram totalmente foi o maior entre todos os segmentos, 22,4%. Todavia, o grupo predominante, quase metade dos entrevistados, foi o que concordou (ou discordou) em parte com a idéia de que a cor da pele influencia o tratamento

conferido pelo policial. Nesse caso, a cor da pele seria uma variável levada em conta na abordagem policial, mas seria associada a outras características específicas, provavelmente de ordem socioeconômica. (Tabela 115)

Tabela 115. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Em relação à afirmativa abaixo, diga se você concorda plenamente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente

A cor da pele de uma pessoa influencia na forma como ela é tratada pela polícia.

	Concorda plenamente	Concorda ou Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	%	f	%
Moradores	67,3	22,4	8,4	1,9	514	100,0
Policiais	31,3	46,3	22,4	-	67	100,0
Traficantes	53,3	23,3	-	23,3	30	100,0
Milicianos	70,0	30,0	-	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Uma das razões, talvez a principal, para a influência racial na abordagem policial seja o fato, como apresento no perfil dos empregados nos GCAs e já foi constatado em outras pesquisas similares²³³, de que a maior parte dos integrantes das facções criminosas seja composta por negros (cor preta ou parda). Como esse é o crime mais visado pelas forças de segurança, o “perfil do criminoso” termina ganhando cor, idade e territorialidade: o jovem, negro, morador da favela. Assim, o racismo historicamente existente na sociedade brasileira; a priorização de enfrentamento dos crimes cometidos pelos mais pobres e a estereotipia que identifica o criminoso com o indivíduo negro ampliam as possibilidades do estabelecimento do vínculo entre cor da pele e a abordagem policial²³⁴.

Uma das incoerências dessa representação é que também há uma expressiva presença de negros nas forças policiais e entre os moradores da Maré, entre muitas outras favelas, como já assinalei em item anterior. Sendo o número de criminosos

²³³ Cf. Silva, Jailson; Urani, Andre (2002); Observatório de Favelas (2006)

²³⁴ Um estudo profundo sobre o tema da abordagem policial no Rio de Janeiro foi realizado e publicado por Ramos, Silvia e Musumeci, Leonarda (2005).

ínfimo em relação ao universo global de negros, a postura de considerar a cor da pele uma suspeição gera, conseqüentemente, práticas racistas, que colocam em risco um imenso contingente da população carioca.

Na mesma perspectiva de melhor identificar a percepção dos entrevistados sobre a ação policial, em geral, perguntei se os diferentes segmentos concordavam com a afirmação de que a polícia atua da mesma forma no conjunto da cidade. De novo, colocou-se uma clara oposição entre os policiais e os outros grupos de entrevistados: nove entre dez milicianos e 86,7% dos empregados no tráfico discordaram da afirmação, posição de 72,6% dos moradores entrevistados. Por outro lado, apenas 86,6% dos policiais concordaram com a afirmativa. Ela vai de encontro à visão difusa na cidade de que a ação da polícia nas áreas nobres é mais cuidadosa do que nas favelas.²³⁵ (Tabela 116)

A posição afirmada pelos policiais em relação a essa questão é preocupante, pois ela revela uma posição acrítica diante das práticas policiais e o contexto social, ou uma mistificação da realidade da ação da polícia. De qualquer forma, caberia um estudo mais detalhado sobre as razões que geraram uma resposta policial tão coesa a respeito de um tema quase consensual em relação a outros setores da cidade. Isso porque o desenvolvimento de uma perspectiva republicana de fato, que tenha o respeito à lei e aos direitos humanos como suporte da prática policial, só pode ocorrer se os membros das forças policiais compreenderem o contexto de suas práticas e a necessidade de mudá-las.

Tabela 116. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Você acredita que a polícia atua da mesma forma em todas as partes da cidade do Rio de Janeiro?

	Sim	Não	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	f	%
Moradores	23,5	72,6	3,9	514	100,0
Policiais	86,6	13,4	-	67	100,0
Traficantes	13,3	86,7	-	30	100,0
Milicianos	10,0	90,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

²³⁵ O delegado Hélio Luz durante o seu mandato sinalizou diversas vezes essa diferença de postura. Cf. Benjamin, Cid (1998). O mesmo fez, de forma indireta, o atual secretário de segurança José Mariano Beltrame, ao declarar que “um tiro no Morro do Alemão tem muito menos impacto do que um tiro na Zona Sul da cidade”.

Outro tema que gerou uma profunda distinção de percepção entre o conjunto dos moradores, incluindo os integrantes dos GCAs, e o segmento policial disse respeito à questão da corrupção policial. Perguntei, a fim de apresentar o tema para o conjunto dos moradores Maré entrevistados, se o respondente já havia presenciado em seu local de moradia algum agente policial realizando ato que considerasse ilegal ou antiético, tratando-se de um profissional da polícia.

Pouco mais da metade dos moradores entrevistado afirmaram que nunca haviam presenciado uma cena dessas; pouco menos da metade disse o contrário. No caso dos milicianos, a percepção é exatamente metade para cada lado. E todos os empregados no tráfico de drogas afirmaram já ter presenciado cenas do tipo. Como esperava, levando em conta o forte corporativismo das forças policiais, a informação dos policiais foi bem distinta da afirmada pelos outros segmentos: menos de 30% afirmaram ter visto situações de ação ilegal ou antiética por parte de policiais na Maré. (Tabela 117)

Tabela 117. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

Você já presenciou alguma vez no seu local de moradia algum agente policial cometendo algum ato que você considera ilegal ou antiético em se tratando de um policial?

	Sim	Não	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	□	%
Moradores	48,6	50,6	0,8	514	100,0
Policiais	29,9	68,7	1,5	67	100,0
Traficantes	100,0	-	-	30	100,0
Milicianos	50,0	50,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

As principais situações descritas pelos moradores em termos de violação das regras pelos policiais dizem respeito à extorsão ou agressão a traficantes e a moradores. Os traficantes também assinalaram os mesmos crimes, mas quatorze deles afirmaram ter visto situações de assassinato; apenas três assinalaram outros crimes de profunda gravidade ou crueldade, tais como a entrega de integrantes do grupo para outra facção, onde foram assassinados; estupro de mulheres de empregados do tráfico ou venda de armas para a facção. Os milicianos também apontaram situações de extorsão, assassinatos e liberação de pessoas presas em troca de dinheiro; os vinte

policiais, por sua vez, que declararam ter visto desvios de conduta sinalizaram práticas como extorsão e atitudes violentas. (Tabelas 118, 119, 120 e 121)

Tabela 118. Respostas (estimuladas) dos moradores ao quesito

Em caso afirmativo, qual? – para aqueles que responderam Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético.

	Sim		Não		Total	
	f	% ⁽¹⁾	f	% ⁽¹⁾	f	% ⁽¹⁾
Receber dinheiro para libertar pessoas e/ou drogas	171	68,4	79	31,6	250	100,0
Agressão a morador	162	64,8	88	35,2	250	100,0
Agressão a membro de facção	155	62	95	38	250	100,0
Tentativa de assassinato	75	30	175	70	250	100,0
Assassinato	70	28	180	72	250	100,0
Roubo de bens e/ou de casa de morador	64	25,6	186	74,4	250	100,0
Agressão por membro de milícia	14	5,6	236	94,4	250	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 250 moradores que responderam que Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético.

Tabela 119. Respostas (estimuladas) dos integrantes do tráfico ao quesito

Em caso afirmativo, qual? – para aqueles que responderam Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético.

	Sim		Não		Total	
	f	% ⁽¹⁾	f	% ⁽¹⁾	f	% ⁽¹⁾
Extorsão	28	93,3	2	6,7	30	100,0
Agressão a morador ou membro do tráfico	26	86,7	4	13,3	30	100,0
Assassinato	14	46,7	16	53,3	30	100,0
Receber dinheiro para liberar pessoas ou drogas	28	93,3	2	6,7	30	100,0
Roubo de bens de casa de morador ou membro do tráfico	22	73,3	8	26,7	30	100,0
Outros ⁽²⁾	3	10,0	10	33,3	30	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Os 30 integrantes do tráfico entrevistados responderam que Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético. (2) Outros: Estupro contra mulheres de traficantes, Venda de integrantes de outras facções, Vendas de armas e drogas.

Tabela 120. Respostas (estimuladas) dos integrantes da milícia ao quesito

Em caso afirmativo, qual? – para aqueles que responderam Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético.

	<i>f</i> ⁽¹⁾
Extorsão	5
Agressão a morador ou membro do tráfico	2
Assassinato	2
Receber dinheiro para liberar pessoas ou drogas	2
Roubo de bens de casa de morador ou membro do tráfico	-

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 5 integrantes da milícia que responderam que Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético.

Tabela 121. Respostas (espontâneas) dos policiais ao quesito

Em caso afirmativo, qual? – para aqueles que responderam Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético.

Respostas ⁽¹⁾	<i>f</i> ⁽²⁾
Agressão/ Disparo de arma de fogo/ Atitude violenta	9
Extorsão/ Pedido de propina	11

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Agrupamentos elaborados pela autora. (2) Apenas os 20 policiais que responderam que Sim, já presenciei no local de moradia um agente policial cometendo um ato que considero ilegal ou antiético.

Além da pergunta anterior, utilizei uma pergunta mais direta para saber a posição dos entrevistados sobre a postura ética dos policiais no exercício de seu ofício: para os moradores, a pergunta foi: *a maior parte dos policiais é honesta ou desonesta?* Para os policiais, traficantes e milicianos, houve uma pequena variação: *você considera que a maioria dos policiais é honesta?*

As respostas, outra vez, colocaram em posições opostas os policiais e os integrantes dos outros segmentos: enquanto a grande maioria dos integrantes da corporação afirmou a honestidade da maior parte da corporação, todos os traficantes e oito em cada dez milicianos afirmaram o contrário. No caso dos moradores entrevistados, do mesmo modo como já ocorrera em relação à pergunta anterior, a resposta foi menos homogênea, visto que 69,6% consideraram que a maioria dos policiais é desonesta. (Tabela 122)

Tabela 122. Respostas (estimuladas) de moradores, policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito*Você considera que a maioria dos policiais é honesta?*

	Sim, é honesta	Não, é desonesta	Não sabe/ Não resp.	Total	
	%	%	%	f	%
Moradores	23,5	69,6	6,8	514	100,0
Policiais	83,6	13,4	3,0	67	100,0
Traficantes	-	100,0	-	30	100,0
Milicianos	20,0	80,0	-	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

O grau de heterogeneidade, em certa medida, das respostas dos moradores me remeteram a um lugar comum: a discussão sobre a condição de um copo com água pela metade; ele pode ser considerado meio cheio ou meio vazio, de acordo com o juízo do espectador. Diante das informações coletadas tive noção plena da contradição entre minha racionalidade acadêmica e as representações derivadas de minha longa vivência na favela: em termos ético-racionais, pareceu-me que o fato de metade dos moradores ter visto situações de transgressão da ética ou da legalidade por parte de agentes públicos é um acinte e demonstra o grau altíssimo de desvio de conduta policial na favela. Por outro lado, diante de minha experiência como moradora da Maré, esperava um número ainda maior. Nesse caso, vejo o dado como positivo diante da situação que imaginava e do quadro de representação da corrupção policial que tinha em meu imaginário. O mesmo em relação à avaliação da condição de honestidade da maioria dos policiais; esperava um sentimento ainda mais crítico por parte dos moradores.

Naturalmente, em termos estatísticos, o dado tem pouca validade: os entrevistados podem ter visto várias vezes o mesmo grupo de policiais praticando atos ilegais ou corruptos e generalizar o fato a partir de práticas localizadas. Assim, não é possível fazer uma ligação direta entre a informação coletada e a situação real, em termos quantitativos, de violação da legalidade e da ética por parte dos policiais que atuam na Maré. Se levarmos em conta o depoimento dos empregados do tráfico, no qual todos afirmam já ter visto situações ilegais e práticas desonestas, poderíamos inferir que há uma ação seletiva e rigorosa da corporação policial em relação aos empregados das facções: eles não se

preocupariam, no que diz respeito aos considerados criminosos, em seguir comportamentos pautados pela legalidade e pela ética.

Minha vivência na favela me diz que a possibilidade é bem concreta; muitos policiais que conheci fazem uma nítida distinção entre os moradores identificados como trabalhadores e os criminosos. Nesse caso, levando em conta um padrão ético particular, aqueles acreditam que desrespeitar o trabalhador seria um desvio ético, o mesmo não ocorrendo em relação aos criminosos, em particular os empregados do tráfico de drogas. A “licença para matar”, extorquir ou mesmo roubar os criminosos seria assumida por um grande grupo de policiais. Em termos de analogia, considerando o quadro de guerra entre os dois grupos, estamos falando de algo que remete aos “espólios de guerra”, que, em tempos não tão remotos, incluía desde o pedido de resgate por um rei preso até a pilhagem dos bens dos derrotados. Em certa medida, levando-se em conta o caráter atávico da guerra entre polícia e bandido, polícia e tráfico, no limite, o bem e o mal, estamos diante do mesmo cenário e das mesmas práticas medievais.

A desconfiança da população da Maré em relação à polícia, materializada nas diferenças de percepção já expostas, se revelou de forma cabal quando busquei identificar o grau de acesso da população local aos serviços da polícia. Indagados se recorriam ao auxílio policial em alguma situação do cotidiano que isso seria necessário, 86,4% dos moradores disseram que não. Tal situação não foi alterada nem pela instalação do 22º BPM na Maré, pelas razões já apontadas. (Tabela 123)

Tabela 123. Respostas de moradores ao quesito

Você recorreu ao auxílio da polícia em alguma situação do cotidiano em que isso seria cabível?

	<i>f</i>	%
Sim	63	12,3
Não	444	86,4
Não sabe / Não respondeu	7	1,4
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Os policiais têm uma visão mais otimista em relação à busca de atendimento por parte dos moradores da Maré de seus serviços: embora 58,2% digam que eles não procuram a força pública, 41,8% afirmam o contrário. (Tabela 124)

Tabela 124. Respostas de policiais ao quesito

A população da Maré recorre ao auxílio da polícia nas situações de sua vida cotidiana em que isso se faz necessário?

	<i>f</i>	%
Sim	28	41,8
Não	39	58,2
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Os dados demonstram a distância existente entre a corporação e a população local. A razão maior para a falta de acesso à instituição policial decorre aparentemente, entre outras possíveis causas, da expectativa de uma resposta negativa da força policial caso seja acessada, como revelam as respostas abaixo. (Tabela 125)

Tabela 125. Respostas dos moradores ao quesito

Como você avalia a resposta da polícia quando é solicitada?

	<i>f</i>	%
Positiva	63	12,3
Regular	151	29,4
Negativa	145	28,2
Não sabe / Não respondeu	155	30,2
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

No entanto, o número de moradores que, efetivamente, já solicitaram o auxílio da polícia em alguma situação foi de 63 (apenas 12,3% da população da pesquisa). Por coincidência, este também é o número de moradores que declararam que a resposta da polícia é positiva, mas nem todos que assim responderam já recorreram ao auxílio da polícia. Entre os moradores que declararam ter buscado auxílio policial, grande parte se revelou insatisfeita – menos de 1/3 avaliou como positiva a resposta da polícia. (Tabela 126)

Com os devidos cuidados no âmbito de sua representatividade, os dados sugerem que, mais do que as práticas policiais, são também as representações decorrentes que geram a distância hoje presente entre a população da Maré e a polícia. Em caso de um maior acesso, provavelmente os moradores terão condições de construir outra percepção dos policiais e outra forma de relação com as forças de segurança. O desafio, então, é ampliar essas possibilidades de busca da instituição para a resolução de problemas cotidianos, quando necessário.

Tabela 126. Respostas dos moradores ao quesito

Como você avalia a resposta da polícia quando é solicitada? – Exclusivamente para aqueles que já recorreram ao auxílio da polícia em alguma situação do cotidiano

	<i>f</i>	% ⁽¹⁾
Positiva	18	28,6
Regular	25	39,7
Negativa	19	30,2
Total	63	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Nota: (1) Apenas os 63 moradores que declararam já ter recorrido ao auxílio da polícia em alguma situação do cotidiano.

Por fim, concluo o presente capítulo apresentando uma percepção amplamente positiva: ela diz respeito à opinião dos moradores sobre as possibilidades da polícia atuar melhor do que hoje atua na favela. 71,8% dos moradores acreditam que isso é possível, para 23,5% que afirmam uma visão mais pessimista. Levando-se em conta as situações de conflitos hoje presentes na Maré, parece-me que a imensa maioria dos moradores reconhece a polícia como uma organização fundamental para a melhoria de sua qualidade de vida, a partir da mudança de sua forma de agir. (Tabela 127)

Tabela 127. Respostas dos moradores ao quesito

Em sua opinião, a polícia tem condições de atuar dentro das favelas de forma melhor da que atua hoje em dia?

	<i>f</i>	%
Sim	369	71,8
Não	121	23,5
Não sabe / Não respondeu	24	4,7
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Os outros segmentos entrevistados responderam a uma pergunta um pouco diferente, já que o verbo utilizado na questão alterou de modo substancial o sentido proposto: *you believe that the police should work in a different way in Maré and in the favelas, in general?*

Quase todos os empregados no tráfico, 96,7%, assinalaram que a mudança da postura policial era necessária, como esperado. O fato positivo foi que 2/3 dos policiais, 67,2% admitiram também que uma mudança de postura é necessária. Com isso, no que é fundamental – a consciência sobre a necessidade de se estabelecer outras estratégias de ação policial nas favelas –, há uma posição comum entre todos os segmentos entrevistados. O desafio, a partir daí, é definir os rumos dessa ação. Na conclusão do presente trabalho, apresento alguns caminhos apontados pelos grupos entrevistados na direção da mudança da ação policial. (Tabela 128, 129 e 130)

Tabela 128. Respostas (estimuladas) de policiais, integrantes do tráfico e integrantes da milícia ao quesito

you believe that the police should work in a different way in Maré and in the favelas, in general?

	Sim		Não		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Policiais	45	67,2	22	32,8	67	100,0
Traficantes	29	96,7	1	3,3	30	100,0
Milicianos	6	60,0	4	40,0	10	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 129. Respostas dos moradores ao quesito

In your opinion, the police has conditions to act in the favelas in the best way possible today?

	<i>f</i>	%
Sim	369	71,8
Não	121	23,5
Não sabe / Não respondeu	24	4,7
Total	514	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.

Tabela 130. Respostas dos policiais ao quesito

Você acredita que a atual política de segurança pública no estado é eficiente no combate à criminalidade?

Em sua opinião, a polícia tem condições de atuar dentro das favelas de forma melhor da que atua hoje em dia?

	<i>f</i>	<i>%</i>
Sim	7	10,4
Não	60	89,6
Total	67	100,0

Fonte: Dados primários, 2008.